



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR**

Tatiana Pires dos Santos Fernandes

**OS SALTIMBANCOS DE SÃO PAULO:
artistas de rua e a democratização da arte
nos espaços públicos**

Sapucaia do Sul
2022

TATIANA PIRES DOS SANTOS FERNANDES

OS SALTIMBANCOS DE SÃO PAULO:
artistas de rua e a democratização da arte
nos espaços públicos

Projeto de Trabalho de Conclusão do
Curso de Licenciatura em Ciências
Sociais da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Felipe José
Comunello

Co-orientador: Prof. Dr. José Luís
Abalos Júnior

Sapucaia do Sul
2022

TATIANA PIRES DOS SANTOS FERNANDES

OS SALTIMBANCOS DE SÃO PAULO:
artistas de rua e a democratização da arte
nos espaços públicos

Projeto de Trabalho de Conclusão do Curso
de Licenciatura em Ciências Sociais da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Felipe José Comunello

Co-orientador: Prof. Dr. José Luís Abalos
Júnior

Aprovada em 26 de janeiro de 2023:

Professor Doutor Felipe José Comunello (UFRGS)
(Orientador)

Professor Doutor Olavo Ramalho Marques (UFRGS)

Professora Doutora Anelise Graciele Rambo (UFRGS)

Sapuçaia do Sul
2022

RESUMO

Este trabalho buscou, através da observação etnográfica e realização de um roteiro de entrevistas parcialmente fechada e do método *histórias de vida*, surgido na Escola de Chicago, investigar se na perspectiva dos artistas de rua atuantes na cidade de São Paulo sua atuação artística nos espaços públicos pode evidenciar as ruas como amplo espaço de interação social democrático, igualitário e plural. Foram realizadas excursões *in loco* de diversos locais da cidade, dos quais foram escolhidas duas regiões para observação e coleta de dados: Centro Histórico e avenida Paulista. Através da etnografia urbana foram realizados diários de campo para observar os possíveis códigos existentes na prática dos artistas, e entrevistas foram conduzidas a partir do método qualitativo, com questões parcialmente fechadas e histórias de vida. Foi possível confirmar que a maior parte dos artistas entrevistados possui consciência da relação de seu trabalho com a democratização dos espaços e identificar códigos da prática artísticas bem como as trajetórias dos artistas.

Palavras-chave: Antropologia urbana; Artistas de rua; Etnografia; Histórias de vida.

ABSTRACT

This work sought, through the ethnographic observation and the use of a partially closed interview script and the *life stories* method, which emerged in the Chicago School, to investigate whether, from the perspective of street artists working in the city of São Paulo, their artistic performance in public spaces can highlight the streets as a broad space for democratic, egalitarian, and plural social interaction. *In loco* tours of various sites in the city were conducted, of which two regions were chosen for observation and data collection: the Historical Center and Paulista Avenue. Through urban ethnography, field diaries were made to observe possible codes in the artists' practice, and interviews were conducted based on the qualitative method, with partially closed questions and *life stories*. It was possible to confirm that most of the interviewed artists are aware of the relationship of their work with the democratization of spaces, and to identify codes of artistic practices as well as the trajectories of the artists.

Keywords: Urban anthropology; Street artists; Ethnography; Life histories.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	p. 5
2. CAPÍTULO 1 – ANTROPOLOGIA URBANA, A ARTE E A CIDADE.....	p. 12
1.1. Antropologia urbana.....	p. 12
1.2. Arte e cidade.....	p. 16
1.3. Arte, cidade e legislação.....	p. 20
3. CAPÍTULO 2 – OS ESPAÇOS.....	p. 22
2.1. Artistas de rua – Levantamento e pesquisa de perfil.....	p. 22
2.2. Centro Histórico – República, São Bento e Sé.....	p. 25
2.3. Avenida Paulista – Consolação, Cerqueira César e Paraíso.....	p. 28
4. CAPÍTULO 3 – OS ARTISTAS.....	p. 31
3.1. Acesso ao campo e aos artistas.....	p. 32
3.2. Perfil socioeconômico.....	p. 38
3.3. Os artistas e os espaços.....	p. 41
5. CONCLUSÃO.....	p. 47
6. REFERÊNCIAS.....	p. 52
7. ANEXO I.....	p. 55
8. ANEXO II.....	p. 57
9. ANEXO III.....	p. 58
10. ANEXO IV.....	p. 60
11. ANEXO V.....	p. 62
12. ANEXO VI.....	p. 64

INTRODUÇÃO

Talvez haja um grande fogo em minha alma, contudo ninguém jamais vem aquecer-se nele, e os passantes só veem uma fumacinha saindo pela chaminé e seguem seu caminho. (VAN GOGH, Vincent, 1879, Van Gogh Museum, tradução nossa)

Os artistas atuantes nas ruas ainda são pouco compreendidos ou considerados enquanto indivíduos e grupo social heterogêneo, seu trabalho frequentemente é associado à “vagabundagem”, mendicância, miséria e ao trabalho infantil. São marginalizados e agredidos por aqueles que não conseguem associar sua arte à lógica capitalista do trabalho, o que é paradoxal, uma vez que o público está disposto a pagar por apresentações artísticas em locais fechados e organizados por grupos privados, mas não consegue reconhecer o valor da arte performada livremente nos espaços públicos.

Muito se fala sobre a percepção externa que os indivíduos, e a sociedade em geral, possuem com relação aos artistas atuantes nas ruas, porém para uma melhor compreensão sobre a atuação desses agentes sociais sempre presentes nas grandes capitais, é preciso principalmente compreender a visão dos próprios artistas sobre si mesmos, à sua atuação, suas relações com os espaços de performance e os significados pessoais da arte em suas vidas. É sabido que a arte possui infinitas interpretações, e que a subjetividade dos observadores muitas vezes altera e vai além do significado pretendido pelo artista. Mas para interpretar qualquer obra, peça ou manifestação artística, deve-se tentar compreender também as intenções dos artistas e seus contextos pessoais e subjetivos. O que seria das interpretações do trabalho da arte de Vincent Van Gogh, por exemplo, sem levar em consideração os estados psicológico, psíquico, emocional e espiritual do artista no momento de realização das suas obras, ou ainda as intenções do próprio artista?

Através deste trabalho buscou-se responder a seguinte questão: ***os artistas atuantes nas ruas veem a sua atuação artística como uma forma de evidenciar a rua enquanto espaço democrático, plural e igualitário?***

As ruas sempre foram palco de diversas manifestações sociais. A presença da arte nos espaços públicos também evidencia a rua como um grande espaço de interação social. Mas como os artistas se veem com relação a esses espaços? Será que estão preocupados com os significados da arte sendo exibido nos espaços públicos, ou estariam eles apenas buscando uma forma de subsistência a partir de

suas habilidades artísticas numa sociedade que ainda não consegue compreender a importância social e cultural das diversas manifestações artísticas? Este trabalho tenta responder algumas dessas questões, procurando ao mesmo tempo compreender quem são estes artistas, quais são suas histórias, quais suas formas de interpretar seu trabalho inserido no mundo, na cidade, e quais são as motivações pessoais por trás de suas performances.

A expressão “artista de rua” precisa ser compreendida em sua totalidade, o que faz de um artista, um *artista de rua*? Que rua é essa? Não é somente uma rua qualquer, mas um espaço físico e público que constitui um dos espaços de convivência dos indivíduos, que engloba aspectos sociais, políticos e econômicos próprios da sociedade capitalista, desigual por princípio. Muitos dos artistas de rua são itinerantes, mas nem todos, muitos atuam sozinhos e muitos atuam em grupos. Os artistas de rua compõem um grupo social bastante heterogêneo, tal qual suas habilidades, são pintores, malabaristas, atores performáticos, músicos, acrobatas, grafiteiros, dançarinos, estátuas vivas, palhaços, artistas circenses, poetas, artistas ligados ao *hip-hop* e outros movimentos sociais e culturais etc.

Mas por que saltimbancos? De acordo com o uso contemporâneo da palavra, seu significado está associado aos artistas itinerantes que exibem seu trabalho em locais públicos, como praças, ruas, feiras, etc (MICHAELIS, 2023), mas a palavra já foi usada como referência aos charlatões que chamavam a atenção dos transeuntes com discursos falsos e atuações extravagantes com o intuito de vender poções ou produtos com qualidades extraordinárias através da enganação do público, significado este atrelado à origem etimológica da palavra *saltimbanco*. Do italiano *saltare in banco*, a aglutinação do verbo *saltar* e do substantivo *banco* denotam literalmente a ação exercida por acrobatas e malabaristas que exibiam suas habilidades em praças públicas (TRECCANI, 2023), mas a palavra também era usada para descrever aqueles que exercem sua profissão e demonstram seus talentos para servir aos seus próprios interesses em busca de sucesso pessoal. Aqui cabe uma observação interessante, a história do surgimento de um termo específico para designar os artistas atuantes nas vias públicas esteve, desde o princípio, associada não apenas à prática dos artistas, mas a um sentido negativo de suas atuações, levantando a questão que, historicamente, esses indivíduos estão sujeitos a um senso comum negativo, que atribui a esses artistas a imagem de bufões e charlatões que buscavam enganar o público. O sentido negativo da palavra já não é mais usado, no entanto os dicionários

ainda citam a possibilidade da palavra ser usada como um pejorativo à atuação desses artistas.

Mas não é apenas o termo específico usado para identificar esses artistas que denuncia a marginalização desses indivíduos, existe ainda a percepção geral de que esses indivíduos tratam-se, na verdade, de pedintes e não trabalhadores que exercem suas atividades nas ruas (BUSCARIOLLI ET AL, 2016, p. 880), o que está longe de retratar a realidade pois, conforme relatado em outros trabalhos acadêmicos que observaram a atuação desses artistas, eles não apenas possuem jornadas de trabalho extenuantes, mas trabalham diante de inúmeras dificuldades, como as variações das condições climáticas, exposição direta e prolongada aos raios solares, longos períodos sem ingestão de água ou alimentos, falta ou ausência de banheiros públicos, além das dificuldades para afinar instrumentos em meio aos ruídos sonoros intrínsecos ao meio urbano, rouquidão da voz após tempo prolongado de performance e até mesmo queimadura com malabares (BUSCARIOLLI ET AL, 2016, p. 887). A falta de segurança também foi observada por outros pesquisadores, que perceberam ameaças voluntárias ou involuntárias sofridas pelos artistas a depender dos locais escolhidos para sua atuação, que vai desde insultos à apreensão dos seus instrumentos de trabalho, além da escassez das contribuições monetárias, uma vez que os artistas não possuem controle sobre o fluxo de contribuições, o que indica que muitas vezes os artistas não recebem nenhum valor monetário mesmo após um longo dia de trabalho (BUSCARIOLLI ET AL, 2016, p. 887).

O principal método para coleta de dados foi a *observação etnográfica*, através da observação direta da atuação destes artistas nos espaços públicos. Busquei também dar voz aos artistas, ainda pouco compreendidos e bastante marginalizados, com aplicação de um questionário parcialmente fechado e do método *histórias de vida*. A combinação destes métodos permitiu observar não apenas os códigos existentes nas práticas cotidianas deste grupo, mas também a compreensão de suas perspectivas pessoais, suas crenças, suas práticas e suas realidades sociais a partir de seus próprios pontos de vistas.

(...) o método etnográfico é a base na qual se apóia o edifício da formação de um(a) antropólogo(a). A pesquisa etnográfica constituindo-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta. (ROCHA, ECKERT, 2008, p. 2)

O método etnográfico foi escolhido por permitir ao pesquisador um deslocamento de sua própria realidade e modos de interpretar os fenômenos a partir da observação direta das práticas sociais dos grupos observados (ROCHA, ECKERT, 2008, p. 3). Para conhecer de perto a realidade dos artistas atuantes na rua, era preciso observá-los durante sua atuação, na execução de suas performances, nas maneiras como demonstram as suas habilidades, como interagem com o espaço que é o palco de suas performances e como se relacionam com o público. A etnografia permite a descrição dessas práticas e conhecimentos dos sujeitos a partir de técnicas de observação e conversa, inseridos no contexto do projeto de pesquisa. Ao entrar em contato com o “Outro”, coloca-se em prática o exercício da alteridade, o observador “descreve, tradicionalmente em diários, relatos ou notas de campo, seus pensamentos ao agir no tempo e espaço histórico do Outro-observado, delineando as formas que revestem a vida coletiva no meio urbano” (ROCHA, ECKERT, 2003, p. 3). A etnografia permitiu um deslocamento da minha própria visão sobre os espaços em questão e sobre a atuação dos artistas, possibilitou-me portanto a considerar a visão dos espaços e da atuação artística a partir das vivências, experiências, conhecimentos e perspectivas dos próprios artistas, por eles mesmos.

Um investimento que contempla uma reciprocidade cognitiva como uma das fontes de investigação, a própria retórica analítica do pesquisador em seu diálogo com o seu objeto de pesquisa, a cidade e seus habitantes. Uma vez que tal retórica é portadora de tensões entre uma tradição de pensamento científico e as representações coletivas próprias que a cidade coloca em cena, o pesquisador constrói o seu conhecimento da vida urbana na e pela imagem que ele com-partilha, ou não, com os indivíduos e/ou grupos sociais por ele investigados. (ROCHA, ECKERT, 2033, p. 3)

Através das observações e respostas coletadas dos artistas, busquei compreender se os artistas consideram sua atuação na rua como parte de um movimento que influencia a democratização da arte, pois, ao romper com a lógica burguesa de que “arte é para poucos”, a arte performada na rua inverte a lógica da exibição artística, em vez do público pagar para ver a arte num teatro, museu ou circo, a arte vai diretamente de encontro ao público, oferecendo uma breve pausa na vida cotidiana do público transeunte. A rua também pode ser considerada um espaço aberto para reivindicações sociais, denúncias sobre as condições da sociedade, protesto aos sistemas dominantes e para a livre manifestação do pensamento. Este trabalho buscou investigar como os artistas veem essa “rua”. Dois locais centrais

foram selecionados para a realização da observação etnográfica, desses locais, foram observados e entrevistados seis artistas atuantes nas ruas, três em cada região.

Para explorar melhor os aspectos pessoais dos artistas observados, foram combinadas duas técnicas de pesquisa qualitativa: entrevistas com questionário parcialmente fechado e histórias de vida. O método qualitativo ganha importância na Sociologia com a Escola de Chicago, na década de 1910, a partir da influência do interacionismo simbólico de Herbert Mead, a Escola de Chicago defende que o observador só pode compreender os fenômenos estudados através da participação ativa no universo a ser estudado (SILVA, ET AL, 2007, p. 30). Algumas das questões fechadas elaboradas serviram para montar uma base de dados objetivos que pudessem ser facilmente contrastados entre os entrevistados, como idade, gênero declarado, estado civil, tipo de arte performada, nível de escolaridade, formação profissional, se o artista é ou não itinerante, se apresenta-se em outros locais, se já passou por preconceito ou outros tipos de violência e dificuldade durante suas apresentações, se possui outras atividades remuneradas. Além das questões fechadas, também foram feitas questões mais abertas, abri um espaço caso o artista que respondeu positivamente a alguma das questões anteriores abrisse mais sobre a experiência vivida, pedi que os artistas me dissessem o significado da arte para eles, qual a importância do seu trabalho no espaço público, motivo da escolha pelo local, e ainda abri espaço para que os artistas pudessem me contar, em suas palavras, sua história de vida, da trajetória como artistas, de como começaram a se apresentar nas ruas.

Foi levado em consideração os possíveis significados dos espaços urbanos, principalmente por este constituir o espaço de atuação dos artistas atuantes nas ruas. Para compreender a significação dos espaços no ambiente urbano, esta pesquisa baseou-se no sistema de interpretação histórica segundo Febvre e Bloch (1929-1949), primeira geração da *Escola dos Annales*, que compreendiam o funcionamento da cidade como uma construção social e econômica. Desenvolvendo mais profundamente o tema sobre “espaço urbano”, Braudel (1995), fiel à primeira geração, observa que os principais fatores que levam ao crescimento do capitalismo são a Moeda e a Cidade, evidenciando a íntima relação entre os mercados imobiliário e financeiro, que resulta em novas configurações urbanas. Questões como as desigualdades, segregações e a pobreza são interpretados a partir do contexto da transnacionalização da economia e da organização da sociedade informacional, onde

as inovações tecnológicas transformam os meios de comunicação, a sociabilidade entre os indivíduos e coloca a cidade no centro dos diversos fenômenos sociais e urbanos, entre eles o acesso à cultura e outros serviços disponíveis. Esta pesquisa também levou em consideração as influências da globalização e suas implicações políticas, culturais e econômicas, a divisão internacional do trabalho, o aspecto nômade do capital financeiro, os movimentos causados pela força do trabalho, o desemprego gerado pela revolução tecnológica e a especialização do trabalho, que acaba por marginalizar àqueles que não são especializados em funções relacionadas à geração de capital, tornando-os pouco relevantes e inviabilizando todos os “*Outros*”, que não se encaixam na lógica do trabalho sob viés capitalista. Para compreensão da cidade foi utilizada a interpretação de Vêras (2005), que disserta sobre os significados dos termos “cidade” e “contexto contemporâneo”. Para Vêras foi na cidade industrial capitalista que os problemas das cidades tornaram-se explícitos, o que acabou por evidenciar a luta de classes no espaço geográfico, social e político. Vêras contextualiza o surgimento das desigualdades no espaço urbano, com origem na separação da cidade em zonas de atividades, como locais de trabalho e locais de moradia e lazer, ficando aqui clara a relação entre a sociedade e utilização geográfica dos espaços.

A história de formação dos bairros onde cada atuação foi observada também foi levada em consideração, os locais possuem significados simbólicos quanto à sua formação, história e utilização pelos indivíduos. Cada espaço possui características singulares, que inserem-se no contexto de formação da cidade capitalista, assim cada região possui um valor simbólico diferente, e os espaços são conhecidos hoje principalmente devido às atividades econômicas e por concentrarem um grande número de trabalhadores, transeuntes, turistas, etc. Há bairros “ricos”, bairros “populares”, zonas residenciais, industriais, comerciais, etc.

Por fim, através deste trabalho busquei uma melhor compreensão da atuação dos artistas nos espaços públicos e se sua atuação pode evidenciar a rua como amplo espaço de interação social democrático e igualitário, mas também dar voz a esses artistas, deixando de lado a concepção existente em alguns atores e também no senso comum, de que sua atuação está necessariamente relacionada à mendicância, ou precarização do trabalho, ou ainda à exclusão social. A atuação dos artistas nas ruas também me interessou justamente pelo rompimento com a lógica burguesa de que “arte é para poucos”, pois se a arte é performada na rua, num amplo espaço aberto,

para que todos tenham acesso, sem necessariamente estar ligada à recompensa econômica para àqueles que a performam, então é necessário um olhar mais sensível para este grupo de agentes sociais. Se os artistas atuantes nas ruas podem contribuir para que as diversas artes estejam disponíveis a um grande número de pessoas, eles podem também ser vistos como agentes culturais, que exploram suas percepções pessoais sobre o mundo que os cerca, sobre a cultura da sociedade, a partir de sua atuação. Esta pesquisa buscou uma melhor compreensão sobre esses indivíduos que possa contribuir à valorização do seu trabalho num ambiente mais seguro e digno para estes artistas.

No capítulo 1 situei minha pesquisa no campo da Antropologia, especificamente da Antropologia Urbana. Foi levado em consideração o significado da Sociologia no contexto urbano, através de técnicas da Antropologia para conhecer a cidade. Busquei as relações entre a arte e a cidade, explorando o histórico das diversas manifestações artísticas que permeiam o meio urbano, sua relevância social e os possíveis significados dessa arte urbana. Abordo também a questão da legislação que regula a arte performada na rua, que estabelece as regras sob as quais podem ocorrer as livres manifestações de arte nas vias públicas.

No capítulo 2 abordei com mais detalhes os espaços escolhidos, desde a metodologia para escolha dos locais, das características físicas desses locais, dos principais pontos de referência e seus significados histórico e simbólico. Contextualizei as duas regiões escolhidas, situando-as tanto no espaço como no tempo. As duas regiões, Centro Histórico e centro comercial, possuem significados históricos que divergem do uso atual desses espaços, são duas regiões cujos propósitos foram transformando-se juntamente com as mudanças ocorridas no âmbito da sociedade. Uma sofreu forte processo de desindustrialização e evasão de empresas de grande capital, a outra foi construída em região de grandes chácaras e mansões onde morava a elite econômica da capital paulista. Ainda no capítulo 2 explorei as possíveis relações observadas entre os artistas e seus locais de atuação. Relações estas que puderam ser registradas a partir das observações e entrevistas realizadas.

No capítulo 3 explico a elaboração do questionário usado no roteiro das entrevistas, descrevo como se deu o acesso ao campo, a observação e conversa com os artistas, detalhes do diário de campo e escolha da amostra a ser analisada. Também exploro as narrativas dos artistas que puderam ser conhecidas a partir das histórias de vida. Neste capítulo também faço a análise dos dados coletados. Neste

capítulo realizei a compilação dos dados, fazendo o levantamento das dimensões socioeconômicas levantadas através da pesquisa.

Na Conclusão, compartilhei os resultados de pesquisa e construí uma reflexão a partir das análises realizadas, foi possível responder a questão inicial da pesquisa e compreender melhor como os artistas, por eles próprios, veem o significado das suas atuações artísticas no espaço público, e além disso, compreender suas realidades a partir da observação de seu trabalho e da compreensão de suas narrativas pessoais.

CAPÍTULO 1 – ANTROPOLOGIA URBANA, A ARTE E A CIDADE

Neste capítulo situo o contexto do meu projeto de pesquisa no campo da Antropologia Urbana. Exploro o contexto do surgimento da Antropologia Urbana tal como é conhecida hoje, passando por reflexões de Georg Simmel sobre o desenvolvimento da diversidade de pensamento e individualidade nas cidades, como também pelos estudos de Robert Ezra Park, da Escola de Chicago, para quem o estudo das cidades era o ponto inicial para a compreensão do mundo. Também exploro as relações entre a arte e a cidade a partir de Clifford Geertz e Ricardo Campos e finalizo o capítulo com um levantamento sobre a legislação vigente que regulariza a arte manifestada nas vias e logradouros públicos.

1.1 Antropologia Urbana

O presente trabalho tenta aprofundar a compreensão sobre os artistas de rua e suas percepções sobre sua atuação nos espaços públicos. As principais dimensões são, de um lado os artistas, do outro, os espaços. Assim, para compreender melhor os artistas e como se relacionam com os espaços, é preciso compreender a cidade e como os diversos agentes sociais relacionam-se entre si nesse espaço que chamamos “*cidade*”. Se nas grandes cidades os produtos da vida moderna devem ser compreendidos a partir de sua interioridade, a compreensão dos diversos fenômenos que ocorrem nas cidades deve ser “buscada na equalização promovida por tais formações entre os conteúdos individuais e supraindividuais da vida, nas adaptações da personalidade, mediante as quais ela se conforma com as potências que lhe são exteriores” (SIMMEL, 2005, p. 1). Nas cidades grandes a individualidade surge a partir do ritmo intenso da vida, “que resulta da mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores” (SIMMEL, 2005, p. 1), a consciência dos indivíduos é

estimulada pelas distinções que faz entre a impressão da realidade que está a sua frente, da impressão que lhe antecede. Assim, impressões que são mais constantes, com diferenças mínimas, e que permitem uma certa previsibilidade da vida exigem menos consciência que as imagens rápidas vividas na realidade das grandes cidades em oposição às cidades pequenas. O ritmo das grandes cidades oferece justamente as condições psicológicas necessárias a um maior estímulo da consciência devido à natureza imprevisível das impressões externas que se impõem sobre os indivíduos (SIMMEL, 2005, p. 2). Se nas cidades pequenas o ritmo habitual e a previsibilidade da vida e das oposições exigem uma menor consciência individual, nas cidades grandes a imposição do ritmo acelerado com menor previsibilidade da realidade que se impõe aos indivíduos exigem um maior nível de consciência, o que leva a uma maior diversidade nas personalidades e aprofundamento das individualidades inseridas no contexto das grandes cidades.

Nas cidades grandes os indivíduos, sujeitos naturalmente a muitas impressões, criam uma proteção interna contra as discrepâncias exteriores que ameaçam o seu “eu” interior, estes indivíduos reagem com o entendimento lógico.

Com isso, a reação àqueles fenômenos é deslocada para o órgão psíquico menos sensível, que está o mais distante possível das profundezas da personalidade. Essa atuação do entendimento, reconhecida, portanto, como um preservativo da vida subjetiva frente às violentações da cidade grande, ramifica-se em e com múltiplos fenômenos singulares. (SIMMEL, Georg, 2005, p. 2)

A centralização das relações nas trocas econômicas e a complexidade existente nas grandes cidades evidenciam a cidade como o lugar da economia monetária, intimamente ligada ao entendimento lógico dos indivíduos. A economia monetária e o entendimento lógico partilham a objetividade no tratamento dos indivíduos e das coisas (SIMMEL, 2005, p. 2). O indivíduo, quando guiado tão somente pelo entendimento, é alheio a tudo o que é individual “pois do individual resultam relações e reações que não se esgotam com o entendimento lógico – precisamente como no princípio monetário, a individualidade não tem lugar” (SIMMEL, 2005, p. 2). O dinheiro, princípio básico da economia monetária, é também o princípio uniformizante na cidade grande, resumindo tudo ao “valor de troca”, qualquer característica individual ou peculiaridade são reduzidas ao “quanto” (SIMMEL, 2005, p. 3). Assim, os indivíduos das cidades grandes vivem nesse constante paradoxo: aprofundar seu entendimento sobre si mesmos como forma de se proteger da

inconstância das impressões que vive na cidade, mas reduzir tudo ao mero valor monetário das coisas. Tanto na Antiguidade como na Idade Média, a vida na cidade pequena estabelecia à individualidade limites de desenvolvimento, pois a previsibilidade e vida habitual, normalmente mais lenta, onde os indivíduos conhecem mais as circunstâncias e os outros indivíduos, impunha no interior dos indivíduos as possibilidades de atuação e relacionamentos. O comportamento dos “*outros*” era de certa forma esperado, justamente pela previsibilidade de uma realidade com fluxo menor de impressões. Na cidade grande o indivíduo livra-se dos preconceitos que cercam a vida na cidade pequena, a maneira como se comporta não precisa estar de acordo com a dinâmica mais habitual da cidade pequena (SIMMEL, 2005, p. 8).

Não é apenas a grandeza imediata do distrito e o número de pessoas que, em virtude da correlação histórico-universal entre a ampliação do círculo e a liberdade pessoal (interior e exterior), tornam a cidade grande o local dessa liberdade, mas sim o fato — ampliando a perspectiva — de que as cidades grandes são também o lugar do cosmopolitismo. De modo comparável à forma do desenvolvimento dos bens — a partir de uma determinada grandeza a propriedade desenvolve-se em progressões cada vez mais rápidas e como que por si mesma — o campo de visão, as relações econômicas, pessoais e espirituais da cidade, os seus arredores ideais, assim que ultrapassam um determinado limiar, ampliam-se como em progressão geométrica. (SIMMEL, Georg, 2005, p. 9).

Com a expansão de todas as dimensões que envolvem a vida dos indivíduos na cidade grande, surge em evidência a divisão do trabalho, impulsionada principalmente pela própria grandeza da cidade, diante da grande quantidade de indivíduos a cidade “é capaz de absorver uma variedade extremamente múltipla de realizações” (SIMMEL, 2005, p. 10). Na cidade grande surgem ocupações variadas, regidas pelos valores da economia monetária, todos passam a fazer parte de uma dinâmica em que alguns são “fornecedores” e outros “clientes”, deste modo a vida na cidade transformou a luta na natureza em busca de alimentos na luta entre os homens, o ganho deixa de ser encontrado na natureza, mas sim nos próprios indivíduos (SIMMEL, 2005, p. 10). Aqui encontra-se atuante não apenas a especialização proveniente da divisão do trabalho, mas também a constante criação das novas necessidades que surgem no mundo através da ótica da economia monetária que rege as cidades grandes.

A necessidade de especializar as realizações a fim de encontrar uma fonte de ganho ainda não esgotada, uma função que não seja facilmente substituível, estimula a diferenciação, o refinamento, o enriquecimento das necessidades do público, que acabam evidentemente por conduzir a

variedades pessoais crescentes no interior desse público.” (SIMMEL, Georg, 2005, p. 10)

Logo, tudo e todos que agem nas grandes cidades obedecem à essa lógica do mercado monetário, da divisão do trabalho, do surgimento das novas necessidades, os quais estão sujeitos ao entendimento que os indivíduos possuem sobre si mesmos e sua relação com outros indivíduos e com a própria cidade. Esta relação íntima que surge entre a cidade e a individualidade dos sujeitos relaciona-se com aquilo que defendia Robert Ezra Park, que conheceu Georg Simmel e foi por ele influenciado em seu trabalho na Sociologia, sendo um dos mais eminentes pensadores da Escola de Chicago. Seu pensamento influenciou os trabalhos da Escola principalmente entre 1915 e 1935, quando foi aprofundado e desenvolvido o que hoje é chamado de Antropologia Urbana.

Park enxergava a cidade como “um laboratório para a investigação da vida social”, para ele o mundo todo vivia na cidade ou estava a caminho dela, então se as cidades fossem o objeto central de pesquisa e estudo, seria possível compreender os acontecimentos do mundo (BECKER, 1996, p. 180). Park desenvolveu junto com seus alunos uma série de tópicos, quase todos formados por perguntas cujas respostas deveriam ser buscadas apenas através da pesquisa empírica. Cada uma das questões poderia ser usada como base para alguma subárea do estudo sociológico, uma delas expressava: “Na cidade, todos os tipos de trabalho tendem a se tornar uma profissão, quer dizer, a ser extremamente organizados, a incluir posições socialmente definidas, a ter regras de conduta que regulam o trabalho nessa ocupação” (BECKER, 1996, p. 180). Esse pensamento evidencia a importância de olhar para qualquer ocupação existente na cidade como repleta de sentidos e significados que podem ajudar a compreender os fatos da própria cidade, até o trabalho considerado socialmente como mais irrelevante, dado o seu valor monetário, possui importância na análise e compreensão sociológica da cidade. Park não se importava com a mensuração de dados no seu trabalho, caso fosse possível mensurar as coisas, ele logicamente o faria e sugeriria, no entanto caso algo não pudesse ser mensurado, havia outras maneiras de realizar a pesquisa.

Park defendia ainda a ideia “de que o espaço físico espelhava o espaço social, de modo que se se pudesse medir a distância física entre populações, se saberia algo sobre a distância social entre elas” (BECKER, 1996, p. 182). Park dedicou seu trabalho ao desenvolvimento de pesquisa na cidade, especificamente na cidade de

Chicago. Influenciado diretamente pelo trabalho de Park, o Departamento de Sociologia publicava de dez em dez anos o *Local Community Fact Book*, um livro que registrava informações de todas as comunidades existentes em Chicago conforme definidas pelo censo. A cada comunidade eram dedicadas duas páginas de informações extraídas dos dados censitários, “incluindo temas como delinquência juvenil, criminalidade, estatísticas sanitárias, tudo o que se podia saber a respeito de uma determinada área” (BECKER, 1996, p. 187). Isso possibilitava que sempre que fosse preciso estudar uma determinada área, bastava usar o livro – que continha dados coletados nos últimos quarenta anos – para se ter as perspectivas histórica e estatística daquela região. O pensamento de Simmel e Park e o subsequente desenvolvimento dos métodos da Antropologia Urbana formam uma base sólida para a pesquisa dos diversos grupos atuantes na cidade e podem ajudar a na pesquisa e análise dos atuais fenômenos tipicamente urbanos, como a atuação dos artistas de rua em São Paulo.

1.2 Arte e Cidade

Para compreender os fenômenos sociais urbanos é preciso o estudo sistemático da cidade, do espaço e como as diversas individualidades expressam-se neste espaço, assim, se considerarmos que a arte representa uma das formas de expressão humana (GEERTZ, 2012, p. 145), torna-se fundamental a compreensão do que a arte urbana expressa.

(...) este processo de atribuir aos objetos de arte um significado cultural, é sempre um processo local; o que é arte na China ou no Islã em seus períodos clássicos, ou o que é arte no sudeste Pueblo ou nas montanhas da Nova Guiné, não é certamente a mesma coisa, mesmo que as qualidades intrínsecas que transformam a força emocional em concretas (e não tenho a menor intenção de negar a existência destas qualidades) possa ser universal” (GEERTZ, 2012, p. 146)

A compreensão do que representa, expressa ou significa a arte urbana, especificamente no contexto desta pesquisa, a arte performática nas ruas, é, portanto necessariamente um saber local, o saber específico de onde a arte é manifestada, no caso, a cidade de São Paulo, na região metropolitana. A cidade concentra muitas pessoas e comunidades, é um lugar de encontros, convívio e de conflito entre os diversos grupos que convivem neste espaço (CAMPOS, 2013, p. 1). A cidade evidencia a presença do “Outro”, do diferente, seja de forma fugaz ou permanente, a

possibilidade da constante alteridade presente influencia de forma profunda a vida dos indivíduos que convivem no espaço urbano, formado por essa diversidade de sons, ruídos, tons e odores que traduzem o que é viver na cidade (CAMPOS, 2013, p. 1).

As grandes urbes compõem, assim, um mosaico variado de referências culturais que contribuem para um maior hibridismo e miscigenação cultural. Diria mesmo que esta troca de referenciais favorece a criatividade cultural, ao permitir fusões e diálogos inesperados. (CAMPOS, 2013, p. 2)

Como, então, devemos interpretar a arte que se manifesta através desses agentes sociais [os “artistas de rua”] no espaço urbano? É preciso considerar que “(...) os meios através dos quais a arte se expressa e o sentimento pela vida que os estimula são inseparáveis” (GEERTZ, 2012, p. 148), o que significa que a arte é, em primeiro plano, uma expressão do sentimento dos artistas sobre suas próprias vidas, suas realidades sociais imediatas, intrinsecamente ligadas à vida no meio urbano, na cidade, e de forma mais geral, às suas vidas na sociedade. É preciso compreender que a investigação dos sentidos da arte é a investigação da própria sensibilidade do artista, e que essa sensibilidade é uma formação coletiva cujas bases “são tão amplas e tão profundas como a própria vida social” (GEERTZ, 2012, p. 149). A arte de rua, enquanto expressão do artista com relação ao meio em que vive, é mais do que mera atividade de prazer do artista e ultrapassa também a visão funcionalista, sob a qual obras de arte seriam “mecanismos elaborados para definir as relações sociais, manter as regras sociais e fortalecer os valores sociais” (GEERTZ, 2012, p. 149).

A capacidade de uma pintura de fazer sentido (ou de poemas, melodias, edifícios, vasos, peças teatrais, ou estátuas), que varia de um povo para outro, bem assim como de um indivíduo para outro, é, como todas as outras capacidades plenamente humanas um produto da experiência coletiva que vai bem mais além dessa própria experiência. O mesmo se aplica à capacidade ainda mais rara de criar essa sensibilidade onde não existia. participação no sistema particular que chamamos de arte só se torna possível através da participação no sistema geral de formas simbólicas que chamamos de cultura, pois o primeiro sistema nada mais é que um setor do segundo. (GEERTZ, 2012, p. 165)

A arte, portanto, além de um produto da experiência coletiva, é também uma parte do sistema de formas simbólicas o qual denominamos *cultura*. A arte é um produto do sistema cultural de cada sociedade, assim, a arte urbana é a manifestação da sensibilidade dos artistas de um contexto em particular: a cidade urbana. Para considerar os possíveis significados das diversas manifestações da arte devemos também entender a cultura de uma determinada região, os sistemas políticos, sociais e econômicos sob os quais está sujeita o sistema cultural de toda a sociedade, a qual

os artistas também fazem parte. Pode-se dizer que a arte é a capacidade dos artistas em traduzir seus sentimentos sobre o mundo no qual vivem em manifestação, seja através de uma pintura, de um poema, da dança, da música etc., e o seu sentido está diretamente relacionado à sociedade e sua cultura. As manifestações de arte “apenas materializam uma forma de viver, e trazem um modelo específico de pensar para o mundo dos objetos, tomando-o visível.” (GEERTZ, 2012, p. 150). Se tivermos de pensar numa teoria da arte, devemos também pensar numa teoria da cultura, uma vez que a primeira é parte do sistema de manifestações simbólicas da segunda, assim o sentido da arte deve ser buscado na própria sociedade, não fora dela ou em sistemas de interpretação abstratos (GEERTZ, 2012, p. 166).

Para além do sentido da arte pretendido pelos artistas, há também a capacidade de compreensão do público. A possibilidade de manifestação dos sentidos da arte pretendidos pelo artista só podem funcionar dentro do sistema de interpretação de seu público pois, o público só tem condições de compreender aquilo que também é parte de seu mundo, de sua realidade social, artista e público fazem parte, portanto do mesmo sistema de interpretação simbólico, o espaço é o mesmo para as duas partes, a sociedade é a mesma, as leis são as mesmas, os problemas sociais, as características econômicas e simbólicas também são os mesmos, portanto “a arte e os instrumentos para entendê-la são feitos na mesma fábrica.” (GEERTZ, 2012, p. 178).

Fenômenos típicos da arte urbana são “exemplo do espírito democrático que se vive na cidade. São reveladores de um meio que convive com o estranho e o inusitado” (CAMPOS, 2013, p. 3), pois em um ambiente controlado por regras bem estabelecidas onde a capacidade de ação está atrelada a leis, regras e normas sociais, definidas pelo controle e vigilância dos indivíduos, a criatividade surge não apenas como sensibilidade dos artistas, mas como liberdade de expressão. Se no mundo social a ação dos sujeitos tem limites bem estabelecidos, a manifestação da arte é capaz de ultrapassar esses limites, principalmente porque exprimem os sentimentos do artista, mas também pela sua capacidade de crítica social e pela imprevisibilidade de sua manifestação. A arte na rua não está relacionada necessariamente ao interesse econômico dos artistas, mas surge muitas vezes como crítica às normas sociais estabelecidas, aos poderes vigentes, como novos experimentos estéticos com para invocar solidariedades locais, ou seja, para

compreensão deste fenômeno é preciso considerar não os aspectos estéticos, mas também os de ordem política, social e simbólica (CAMPOS, 2013, p. 4).

A arte de rua diverge da arte das academias, das artes performadas nos espaços privados, é única em sua manifestação. É um tipo de arte que utiliza da rua tanto em seu sentido físico, como social e simbólico, mas também são manifestações não legitimadas pelo poder ideológico (Estado, Município, Academia etc.) e portanto sempre há um elemento de ruptura, de divergência das manifestações oficializadas. A arte de rua utiliza como meio de comunicação a própria rua, os artistas normalmente têm origem nas classes populares. A arte de rua é também democrática em sua natureza, pois não se encontra fechada com acesso restrito para poucos, mas sua exibição é de livre acesso a todos. E por fim, a arte de rua é passageira, efêmera, acontece sem hora marcada, em lugares inesperados.

“O que são então, a meu ver, as “Artes de Rua”? Entendo que devem possuir as seguintes características. Em primeiro lugar, são formas estéticas (pictóricas, musicais, performativas, etc.) que tomam partido da rua e das suas particularidades, quer enquanto espaço físico, quer enquanto espaço social e simbólico. Deste modo, de alguma forma dialogam e interagem com o edificado, com a paisagem e com os habitantes, inscrevendo no próprio território as suas marcas de forma mais transitória ou permanente. Em segundo lugar, são expressões não oficiais e não legitimadas pelas instâncias do poder ideológico (Estado, Municipalidade, Academia, Escola, etc.) como formas consagradas de arte. Logo, apresentam sempre um elemento de ruptura, de inovação ou subalternidade, que colide com as artes oficiais propagandeadas pelo regime e apadrinhadas pelos media, pelas indústrias culturais e pelo mercado da arte. Estão, por isso, frequentemente ausentes de uma economia baseada no comércio quer, massificado, quer circunscrito ao mercado artístico. Em terceiro lugar, são formatos vernaculares, muitas vezes provenientes de meios populares e de culturas urbanas invulgares que utilizam o espaço urbano para comunicar e não os convencionais media de massas. Em quarto lugar, estas são artes democráticas. O facto de não estarem encerradas, protegidas e com acesso condicionado, converte-as em obras potencialmente disponíveis para todos. Por último, eu diria que são geralmente de natureza efêmera. São fenômenos imprevisíveis, transitórios, “sem hora marcada”, que ocorrem nos lugares e tempos mais inesperados. Como se depreende das minhas palavras, esta Arte Urbana tem sempre de transportar algo de alteridade, de diferença, de choque, que questione ou abale anteriores convicções éticas e estéticas.” (CAMPOS, 2013, p. 4 e 5)

Fica então clara a relação entre o espaço e os artistas, mas além disso, a relação com o público, com os sistemas vigentes e com o sistema cultural no qual o artista e sua manifestação estão inseridos. A arte de rua é única em sua manifestação, pois ela rompe com a lógica burguesa de que a arte é apenas para uns poucos, e de que a arte é, necessariamente, algo atrelado a um alto valor monetário, e ainda rompe com o entendimento de que os sentidos da arte são complexos demais para a compreensão de pessoas que não foram adequadamente educadas para

compreender seus sentidos. No caso da arte de rua o sistema simbólico de significação é o mesmo tanto para o artista como para o público, pois ambas as partes estão inseridas no mesmo contexto social e econômico, assim as ferramentas para compreensão da manifestação artística já estão no repertório cultural do público, que possui condições de entender os sentidos da arte manifestadas pelos artistas. A arte de rua democratiza não apenas a arte, mas também os espaços, uma vez que sua exibição é gratuita e pode ser livremente acessada por todos.

1.3 Arte, cidade e legislação

Enquanto a discussão sobre a relevância do estudo antropológico e das relações entre a arte e cidade foram fundamentais ao desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, também não pôde ser ignorada a legislação que regula a relação entre os artistas no espaço público e urbano. O site da Prefeitura de São Paulo adverte “é preciso estar atento, pois existem normas que regulam a atuação de artistas de rua em determinadas vias” (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2022). A Prefeitura ainda adverte que o mesmo local conhecido por concentrar artistas de rua é mesmo que abriga uma grande quantidade de hospitais, prontos-socorros e demais serviços públicos. Existe um número de leis que devem ser considerados por todos aqueles interessados na manifestação da arte na rua, entre elas o Decreto Nº 55.140/2014, regulamentada pelo então prefeito Fernando Haddad. Este decreto estabelece as condições para apresentações de artistas de rua na cidade de São Paulo, o decreto inicia definindo o que considera como atividade artística de artistas de rua e estabelece as regras para uso dos logradouros públicos. Entre elas estabelece que não serão permitidas apresentações a menos de 5 metros de pontos de ônibus ou táxi, cabines telefônicas, entradas e saídas de estações de trem ou metrô, hospitais, prontos-socorros e casas de saúde privadas, portões de acesso de estabelecimentos de ensino. Estabelece ainda a distância de 20 metros de feiras de artesanato e antiguidade oficializadas pelo Poder Público, e a distância de 50 metros de hospitais e prontos-socorros públicos. O Decreto estabelece também regras como a duração máxima de cada apresentação, que não deve ultrapassar 4 horas por local.

O Decreto rege toda a atividade performada nos espaços públicos, portanto, apesar das manifestações artísticas espontâneas não necessitarem de autorização prévia, ainda necessitam estar de acordo com todas as regras estabelecido neste

Decreto. Os artistas são responsáveis pela limpeza do local utilizado, precisam estar atentos à utilização de equipamentos de som e respeitar as distâncias estabelecidas pelo Decreto. O Decreto estabelece ainda que está autorizada a coleta de doações espontâneas, prática chamada de “passar o chapéu”, e ainda autoriza a venda de produtos pelo artista durante as apresentações desde que sejam produzidos pelo próprio artista, fica proibida, no entanto, a cobrança de qualquer taxa do público para execução das performances. De acordo com o Decreto, o artista está autorizado a utilizar um espaço de no máximo 4m², e só pode utilizar estruturas como bancos ou outros suportes no espaço de até 1m² sem necessitar da prévia autorização da Prefeitura. O Decreto ainda estabelece as regras para Cadastro Municipal dos artistas, que não é obrigatório, porém será solicitado caso haja a necessidade de acomodação da demanda nos diversos locais e horários.

Os artistas de rua precisam ainda atentar-se ao Decreto Nº 57.086 de 24 de junho de 2016, assinado também por Fernando Haddad. Este Decreto institui o programa Ruas Abertas, que estabelece quais vias podem ser utilizadas para atividades culturais e de lazer. O Decreto inicia afirmando que “Fica instituído o Programa Ruas Abertas, visando promover o desenvolvimento sustentável da Cidade, nas dimensões socioeconômicas e ambientais, e garantir a equidade no uso do espaço público de circulação em vias e logradouros públicos” (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2016). O programa Ruas Abertas tem caráter permanente e ocorre aos domingos e feriados em horários determinados, e estabelece as regras para apresentações artísticas nas vias públicas nessas ocasiões extraordinárias.

Aqui ressalta-se à importância de atrelar as legislações vigentes com relação à manifestação artística nas vias públicas pois estas regulam a atuação dos artistas nos espaços públicos e delimita sua capacidade de ação. O artista de rua precisa estar atento às regras estabelecidas pela cidade na sua manifestação artística, estando sujeito a advertências, suspensões e multas caso descumpra as regras estabelecidas pelas devidas leis e decretos. Esta pesquisa levou em consideração a vigência a alcance dessas leis na análise dos dados coletados.

CAPÍTULO 2 – OS ESPAÇOS

Quando falamos da caminhada enquanto experiência de pesquisa, salientamos a importância de pisar no território estudado e o quanto esse ato coletivo e idealizado representa uma abertura a novas percepções da região na qual direcionamos nossa atenção. (ABALOS JUNIOR, 2022, p. 39)

Neste capítulo dediquei-me a explicar o reconhecimento do espaço em que seria realizada a pesquisa. Foram feitas excursões para reconhecimento dos locais, pesquisas sobre a formação dos bairros escolhidos, menção dos principais pontos que identificam cada um dos locais escolhidos, além de explorar o significado simbólico de cada bairro tal como seu significado concreto no contexto da cidade.

Antes de escolher os locais de observação fiz algumas excursões a pé pelas duas regiões escolhidas para verificar a viabilidade de realização da pesquisa. Algumas regiões oferecem alguns riscos à segurança, e, portanto, optei pelos locais que julguei mais seguros por terem movimento constante de pessoas e vida diurna bastante movimentada. As duas regiões da cidade escolhidas oferecem tanto a experiência de passeio, por serem locais turísticos, mas também o contato com a vida cotidiana dos espaços e das pessoas que os utilizam, por tratar-se de regiões conhecidas pela forte atividade comercial e presença marcante de escritórios. As duas regiões estão localizadas na região central da cidade de São Paulo, um integra o Centro Histórico da capital e o outro representa o principal centro financeiro da capital. Início o capítulo com levantamento realizado pela São Paulo Turismo e o Movimento Artistas de Rua, que fez um estudo sobre as manifestações artísticas nas ruas de São Paulo e traçaram um perfil dos artistas de rua da capital.

2.1 Artistas de Rua – Levantamento e pesquisa de perfil

São Paulo Turismo (SPTuris) é a empresa oficial de turismo e eventos da cidade de São Paulo fundada em 1970. Possui papel central na organização, planejamento e produção dos eventos da cidade, a associação também realiza um importante trabalho na criação e apoio às políticas públicas voltadas a eventos na capital. Em 2012, junto ao Movimento Artistas na Rua – organização informal de gestão não centralizada que serve como apoio a todos os artistas atuantes nas ruas de São Paulo – realizou um levantamento das manifestações culturais da cidade e traçou o perfil dos artistas de rua. Tendo reconhecido a importância dos artistas de rua na metrópole paulistana, a empresa ainda admite o desconhecimento sobre essa

categoria de artistas e a falta de dados sobre eles. O principal objetivo dessa pesquisa foi preencher a lacuna de informações “permitindo um conhecimento mais aprofundado sobre os artistas de rua na cidade de São Paulo, bem como sobre os grupos artísticos que integram” (SPTuris, 2012, p. 2).

O levantamento foi realizado em três áreas da cidade que constituem espaços tradicionais das manifestações artísticas de rua: centro (velho e novo), Avenida Paulista (incluindo Rua Augusta) e Rua Benedito Calixto (abrangendo parte da Rua Teodoro Sampaio), no bairro de Pinheiros. Dois desses locais foram também os escolhidos para realização da presente pesquisa: centro e Avenida Paulista. O levantamento foi realizado entre novembro e dezembro de 2011, por uma semana em cada região. A amostra final foi formada por 104 artistas atuantes na rua de São Paulo e 20 grupos de artistas, foi observada uma concentração significativa de artistas na região central (70% dos artistas e 14 dos 20 grupos de artistas entrevistados).

O levantamento revelou dados importantes sobre a atuação dos artistas, além do perfil socioeconômico, foi levada em consideração a procedência dos artistas, a diversidade artística, a infraestrutura utilizada, os locais, dias e hora das apresentações, as ocupações dos artistas e suas principais motivações. A pesquisa revelou que a maioria dos artistas é do gênero masculino (88%) e que mais de um terço da amostra possui entre 21 e 30 anos de idade. A maioria dos artistas completou apenas o ensino fundamental (40%) ou o ensino médio (41%), apenas uma minoria possui ensino superior (11%) ou não possui nenhum nível de instrução (7%). A maioria dos entrevistados são brasileiros (82%), o restante, estrangeiros, o levantamento também revelou que apenas um quarto dos artistas são moradores de outras cidades (16%) enquanto a maioria é residente da cidade (74%). Mais da metade dos entrevistados são da região Sudeste (55%), e mais de um terço do Nordeste (35%), os outros 10% são das regiões Sul (6%), Centro Oeste (3%) e Norte (1%).

Talvez um dos dados mais relevantes deste levantamento para o presente trabalho são os dados referentes às motivações dos artistas de rua entrevistados. Um terço dos entrevistados relatou que sua principal motivação para apresentação nas ruas devido ao fato desta constituir sua principal fonte de renda (33%), enquanto um pouco menos de um quarto relatar que a principal motivação é por gostar, por paixão (22%), um quinto da amostra relatou que sua motivação é difundir arte e cultura (19%), e 15% relataram que a principal motivação é o contato com o público. Da amostra, 6% relatou que se apresenta nas ruas para alavancar a carreira e divulgar seu trabalho,

4% citou liberdade como principal motivação, 4% por incentivo de conhecidos e 9% não souberam ou quiseram responder essa questão.

Dos entrevistados a maioria possui outra ocupação (62%), porém todos citam as apresentações na rua como sua ocupação central. Dos que possuem outra ocupação, 65% são autônomos, 17% trabalham com carteira de trabalho assinada, 10% são aposentados, 4% estudantes, 2% voluntários e outros 2% são empresários. A maioria dos artistas realizam performances relacionadas à música (61%), enquanto aproximadamente um sexto dos artistas apresentam-se como estátuas vivas, o resto da amostra divide-se em dança (8%), artes plásticas (7%), poesia e literatura (4%), mágica (4%), palhaço (2%), malabarismo (2%), desenho (2%) e outras atividades (7%). Mais de um terço da amostra apresenta-se nas ruas entre 1 e 5 anos (35%), e um quarto entre 5 e 10 anos (25%), mas há também artistas que se apresentam há mais de 20 anos (10%).

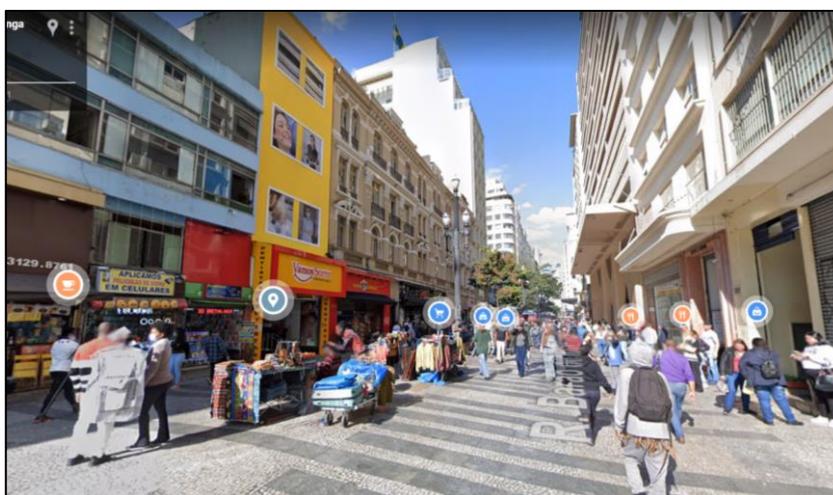
Outro dado bastante relevante à presente pesquisa refere-se aos principais locais de apresentação, estes dados também foram um fator determinante para a escolha dos locais a serem analisados nesta pesquisa. A Praça da Sé é o local mais escolhido dos artistas pesquisados (16%), seguido pela Praça da República (12%), Avenida Paulista (12%), Rua 25 de Março (11%), Rua Santa Ifigênia e Rua São Bento (9%), Vale do Anhangabaú (5%), Parque da Luz (4%), Praça da Liberdade (4%), Praça do Patriarca (3%), Parque do Ibirapuera (3%), e outras regiões não mencionadas (21%). Quase da metade da amostra apresenta-se em horários definidos (47%) e mais em horários indefinidos (53%). A duração da apresentação varia de 3 a 5 horas para 28% dos entrevistados, de 5 a 7 horas para outros 28% e entre 1 e 3 horas para 25%. Com relação aos dias de apresentações, as amostras foram próximas em todos os dias da semana, à exceção dos sábados, quase três terços dos artistas relatou que se apresenta aos sábados além dos outros dias, e para mais da metade (54%) as apresentações têm frequência semanal.

Os dados levantados pela SPTuris foram essenciais à realização deste trabalho pois fornece uma base para comparação com a amostra coletada pela autora deste trabalho, além de servirem como ponto de partida para escolha dos locais de análise bem como dos artistas que iriam compor a amostra.

2.2 Centro Histórico – República, São Bento e Sé (centro velho e centro novo)

A região escolhida para observação e análise vai desde a Praça da República, iniciando na Rua Barão de Itapetininga (Figura 1) e terminando na Rua Quinze de Novembro (Figura 2), as três regiões fazem parte do entorno dos bairros República, São Bento e Sé, região que abriga os chamados “centro velho” e “centro novo”, onde estão localizados importantes marcos históricos do desenvolvimento da cidade, como o Viaduto do Chá, o Teatro Municipal, o antigo prédio da Light S/A – empresa fornecedora de energia fundada em 1905 – a Prefeitura da Cidade de São Paulo, o Largo São Bento, além de diversos Centros Culturais, como o Centro Cultural Banco do Brasil ou Fundação Santander. As ruas observadas são “calçadões”, a maioria delas só é permitida para pedestres. São ruas mais largas cercadas por prédios com grande fluxo de pessoas em todas as direções que atraem uma diversidade grande de artistas, em todas as caminhadas feitas na região foram observadas pelo menos seis apresentações artísticas distintas ao longo do trajeto, o que facilitou a observação realizada neste trabalho.

Figura 1 – Rua Barão de Itapetininga, República, São Paulo.



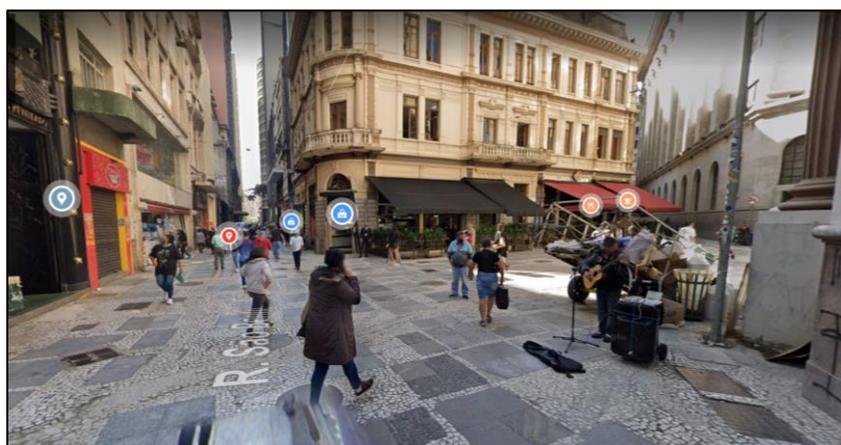
Fonte: Google Maps, 2022.

O centro histórico foi fundado em 25 de janeiro de 1554, data que até hoje é celebrada como Aniversário de São Paulo, sendo considerada feriado municipal, quando acontece diversos eventos culturais ao redor da cidade. A região é composta pelos distritos da República e Sé, onde localizam-se a maioria dos prédios que ajudam a contar a história da cidade, como o Pátio do Colégio, primeira edificação erguida na

primeiros sinais de decadência urbana, quando a especulação imobiliária e os incentivos para crescimento econômico da cidade combinados levaram à transferência da sede de muitas empresas para outras regiões da cidade, dando início a um intenso processo de deterioração do espaço público, e como resultado o aumento dos índices de criminalidade, imóveis abandonados e sem manutenção, aumento do número de pessoas em situação de rua, surgimento de cortiços e degradação da qualidade de vida local, fazendo com que moradores ali estabelecidos também migrassem para regiões mais novas e mais seguras da cidade. Esta situação prolongou-se até a década de 1990, quando o poder público inicia um processo de requalificação urbana na região central da cidade, uma das primeiras medidas foi a transferência de órgãos públicos para a região, como a Prefeitura Municipal. Em setembro de 1976, a exemplo de um modelo urbano surgido na Alemanha na década de 1930, vinte das principais ruas da região foram fechadas para veículos motorizados, ficando exclusivamente destinada ao uso de pedestres. Um dos objetivos era incentivar o uso do transporte público para acessar à região e já reduzir o intenso tráfego de veículos. Os “calçadões” são hoje um dos traços mais marcantes da região, que acabam atraindo artistas devido ao grande fluxo de pessoas que caminham pelas vias do Centro Histórico.

Dessa região foram escolhidos três artistas para observação e entrevista, cada um em distrito diferente: a Rua Barão de Itapetininga, na República; O Largo do Café (Figura 3), na São Bento; e a Rua XV de Novembro, na Sé.

Figura 3 – Largo do Café – São Bento



Fonte: Google Maps, 2022.

2.3 Avenida Paulista – Consolação, Cerqueira César e Paraíso

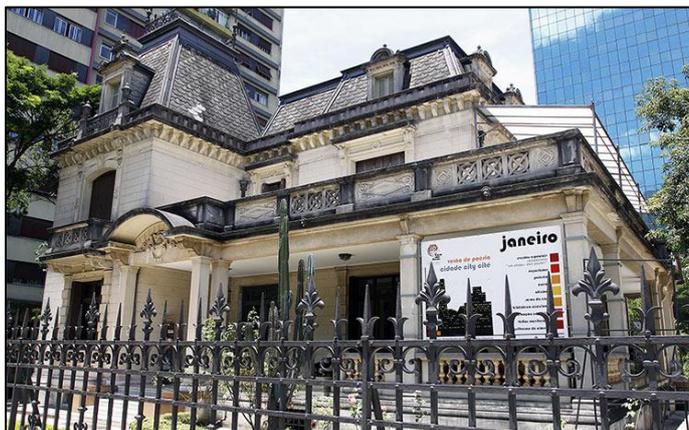
A segunda região escolhida foi a Avenida Paulista, considerada um dos mais importantes centros financeiros e turísticos da cidade. Região que abriga grandes bancos, institutos de ciência, grandes hospitais, consulados, local considerado de grande diversificação cultural. Todos os dias da semana é possível testemunhar alguma manifestação artística diferente em vários pontos da avenida, porém, aos domingos a avenida é fechada para carros, o que permite o livre trânsito de pessoas, seja caminhando, de bicicleta, patins etc. Esta característica atrai muitos artistas para a região, pois a oferta de público é grande e as possibilidades de uso do espaço também se ampliam com a retirada de veículos motorizados. Foram escolhidos pontos da avenida que englobam três bairros da região: Consolação, Cerqueira César e Paraíso. A região é uma das mais elevadas de São Paulo e está localizada no limite entre as zonas Centro-Sul, Central e Oeste da cidade.

A criação da avenida deu-se ao final do século XIX, com o objetivo central de expandir a zona residencial da cidade para uma área mais afastada das zonas mais movimentadas e valorizadas da cidade à época. A Avenida Paulista foi inaugurada em 8 de dezembro de 1891, resultando na grande expansão imobiliária na região de grandes fazendas. O engenheiro responsável pela sua criação deu o nome “Avenida Paulista” em homenagem aos paulistas, embora os nomes “avenida das Acácias” e “Prado de São Paulo” também tenham sido inicialmente considerados.

Em 1909, com material importado da Alemanha, a Avenida Paulista tornou-se a primeira via pública asfaltada de São Paulo. O perfil residencial da cidade manteve-se até meados de 1950, quando o desenvolvimento econômico e especulação imobiliária levaram empresas de grande porte a buscarem a região. Com a mudança na legislação de acordo com leis e normas de zoneamento, começaram a surgir os “espigões”, edifícios de escritórios com 30 ou mais andares. No conjunto arquitetônico da região ainda fazem parte diversos casarões, pertencentes a famílias ricas envolvidas com o comércio cafeeiro, bem como novos ricos de origem árabe e italiana. A avenida já foi endereço residencial da Baronesa de Arary, titulada do Império Brasileiro. Apesar do grande número de prédios de escritórios do período moderno e contemporâneo, a avenida abriga também prédios tombados e históricos, como a Casa das Rosas (Figura 4), a Escola Estadual Rodrigues Alves, Residência Joaquim Franco de Melo, a Casa das Uvaías etc. A avenida ainda abriga o Museu de Artes de

São Paulo (MASP), o Edifício Anchieta, o primeiro edifício de São Paulo (Figura 5), a famosa antena da Fundação Casper Líbero, o Conjunto Nacional, o Parque Trianon, e ainda é sede dos principais veículos de comunicação em atuação na cidade.

Figura 4 – Casa das Rosas



Fonte: Website oficial do Governo do Estado de São Paulo.

Figura 5 – Edifício Anchieta



Fonte: Pedro Kok, 2019.

A avenida é um dos principais locais de realização de grandes eventos de São Paulo, como a tradicional festa de Réveillon, a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo (Figura 6), a Corrida de São Silvestre, e ainda o local das grandes manifestações

políticas da cidade, mais recentemente o local escolhido para o discurso de vitória do Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, que atraiu multidões que ocuparam praticamente toda a extensão de 2,8 quilômetros da avenida. A avenida começou a ser fechada para pedestres aos domingos a partir de 1982, com a criação do programa “Ruas de Lazer” pela Prefeitura. Pouco tempo depois o projeto foi descontinuado por reclamação de comerciantes da região. Em junho de 2016 o prefeito em exercício, Fernando Haddad, publicou decreto que oficializou a abertura da avenida como espaço de lazer aos domingos e feriados nacionais (Figura 7), o acesso a veículos fica restrito das 10 às 19 horas.

A destinação dessa região ao lazer atrai muitos artistas aos domingos, ao caminhar pela região foram observadas mais de dez performances artísticas ao longo do trecho escolhido, desde apresentações de canto, bandas, como palhaços, mágicos, imitadores, malabaristas, músicos, atores, estátuas vivas, pintores etc. A avenida ainda é marcada pela forte presença de vendedores ambulantes, que comercializam roupas, livros, artesanato etc.

Figura 6 – Parada de Orgulho LGBT de São Paulo



Fonte: Gazeta Arcadas, 2021.

Figura 7 – Avenida Paulista aos domingos

Fonte: Acontece Agora!, 2022.

CAPÍTULO 3 – OS ARTISTAS

O método etnográfico foi realizado a partir da observação direta dos artistas de rua, foi feito um diário de campo não estruturado ou categorizado, onde foram registradas informações como dia das excursões, escolha dos artistas para observação e entrevista, e outras informações relevantes à realização da pesquisa. O objetivo era observar a atuação de cada artista no contexto público e tentar identificar categorias próprias da arte performática nos espaços públicos, como habilidade em exposição do artista, relação com o espaço em que a arte é performada, tempo de sua performance, interação do artista com o público, objetos utilizados, se atuava sozinho ou com algum apoio. Além disso, foi feita uma entrevista parcialmente estruturada com questões fechadas, ao final do questionário fechado eu pedia aos artistas se poderiam contar um pouco sobre suas histórias de vida até chegar à arte na rua e se poderiam contar sobre suas experiências na rua. Neste capítulo explico como foi feita a seleção dos artistas a serem observados, como foram abordados, detalhes dos diários de campo, além de apresentar os resultados da pesquisa e das observações realizadas. Para realização das entrevistas era explicado ao artista como se daria a entrevista, a partir daí dávamos início à entrevista de acordo com o roteiro do questionário.

O questionário não foi impresso, foi usado um tablet da marca *Xiaomi* com o questionário, que era passado na mão do artista enquanto ele respondia oralmente às

questões seguindo a ordem do questionário, para registrar as respostas dos artistas foi usado o aplicativo “Transcrição Instantânea” do sistema *Android*, o qual transcreve automaticamente o áudio falado em texto.

Como o objetivo desta pesquisa era descobrir se os artistas veem o próprio trabalho nas ruas como formas de democratização da arte e dos espaços, foi elaborada uma questão específica sobre a principal motivação dos artistas. A questão, no entanto, não mencionava especificamente o termo “democratização da arte e dos espaços” para não influenciar a resposta do artista, apenas perguntava qual seria a principal motivação dos artistas em poucas palavras, além de uma pergunta específica sobre qual seria, na opinião do artista, a importância do trabalho artístico no espaço público.

3.1 Acesso ao campo e aos artistas

Feita a excursão dos espaços escolhidos, foram realizadas algumas caminhadas pela região em dias e horários diferentes para seleção de artistas a serem observados. Foram selecionados três artistas diferentes em cada uma das duas regiões: na região do Centro Histórico foram escolhidos uma atriz que trabalha como estátua viva (República), um artista plástico (Largo do Café – São Bento) e um mágico (Sé); na região da avenida Paulista foram escolhidos uma cantora (Consolação), um músico celista (Cerqueira César) e um ator interpretando um palhaço (Paraíso). O critério para escolha foi, em primeiro lugar, os diferentes tipos de arte performados pelos artistas, em segundo, a localização de apresentação dos artistas e, em terceiro, a possibilidade de acesso ao artista e sua concordância em participar da pesquisa. Foi buscada uma variedade entre os tipos de arte observadas e nos lugares das observações, foi buscada diversidade nas respostas apesar do tamanho da amostra.

A primeira caminhada começou no início da tarde do dia 10 de novembro de 2022 (quinta-feira). Após acessar a região através da linha vermelha do metrô e descer na estação República, caminhei em direção à Rua Barão de Itapetininga, percorri a rua anotando detalhes sobre quantidade de pessoas transitando e procurando artistas de rua que pudessem ser observados e entrevistados, contei um total de três artistas em apresentação do final da rua até seu início, em frente ao Teatro Municipal.

O primeiro era um artista que pintava paisagens coloridas em pequenas placas de vidro a depender do pedido do cliente. O fato de ele pintar os pequenos quadrinhos de vidro na hora e exibir sua habilidade em cima de uma lona estendida no chão fazia com que ao redor dele uma pequena multidão se acumulasse para observar o trabalho, observei sua atuação por meia hora, porém uma aproximação maior não foi possível devido à grande demanda pelos quadros do artista, parti para o próximo artista. Tratava-se de uma mulher de aparência jovem com rostos e mão cobertos em pintura branca e roupas também brancas, parecia uma estátua branca de anjo, observei a artista à distância, o bastante para que ela não notasse minha presença, optei por me sentar numa lanchonete com mesas no calçadão e observei a ação da artista. Sempre que ela via que algum pedestre a olhava, ela fazia um pequeno gesto com o rosto ou as mãos na direção do pedestre, provocava muitos sorrisos de pessoas que não paravam, no entanto, algumas dessas pessoas paravam e deixavam dinheiro, às vezes notas, às vezes moedas, em uma caixa branca que ficava aberta em frente à artista. Sempre que a artista recebia qualquer quantia do pedestre, ela fazia alguns movimentos em direção à pessoa, mandava beijos, fazia um coração com as mãos, juntava as duas mãos em direção ao peito e simulava um coração batendo, dava piscadinhas. Fiquei ali sentada por aproximadamente 40 minutos, nos quais a artista gesticulava e interagia com os pedestres, ora para chamar-lhes atenção, ora como agradecimento à contribuição deixada na caixa.

Ao final deste tempo a artista desceu do pequeno pedestal que elevava sua altura com relação aos pedestres e mexeu numa mochila que ficava dentro do pedestal, pegou uma garrafa de água e tomou, começou a fumar um cigarro, e eu aproveitei a chance para me aproximar e me apresentar. Expliquei à artista que sou graduanda em Ciências Sociais e que estava fazendo meu Trabalho de Conclusão de Curso, expliquei que queria conhecer mais a realidade e perspectivas dos artistas que atuam nos espaços públicos e perguntei se ela estaria disposta a responder minha entrevista. A artista concordou prontamente, foi a primeira artista observada e entrevistada. O outro artista visto ao longo do trajeto tratava-se de um imitador de Elvis Presley, no entanto meu tempo disponível para observação e entrevista do dia já havia se encerrado e a meta já havia sido atingida: um artista diferente em três distritos do Centro Histórico, voltei para o metrô e encerrei a observação.

A segunda caminhada em busca de artistas aconteceu no dia 22 de novembro de 2022, uma terça-feira à tarde. Novamente o local foi acessado pelo metrô, dessa

vez o trajeto teve início da estação São Bento, linha azul. A saída do metrô fica em frente ao Mosteiro São Bento, logo fui abordada por uma mãe com dois filhos pequenos pedindo contribuição, um acampamento de pessoas em situação de rua está montado em frente ao mosteiro, no início da rua São Bento, na direção da caminhada. Caminhei até a Praça do Patriarca (Prefeitura Municipal de São Paulo), anotando as manifestações artísticas observadas e possibilidades de observação, no trajeto escolhido vi dois artistas em apresentação: um artista plástico e uma estátua viva.

O artista plástico estava localizado na esquina do Largo do Café (São Bento), próximo a alguns restaurantes, sentei-me no restaurante da esquina oposta e observei o artista por meia hora, enquanto fazia minha refeição. O artista pintava paisagens em pedras de azulejo branco com os dedos, fazia tudo rapidamente, em alguns minutos os azulejos brancos eram preenchidos com cores vibrantes, podia ser o mar com o sol se pondo ao fundo e um barquinho sendo refletido com sua sombra na água, um céu iluminado por estrelas refletido num lago cercado por silhuetas de árvores, uma estrada sinuosa que levava a montanhas verdes no horizonte num dia iluminado pelo sol. Na medida em que terminava os quadrinhos, colocava-os numa lona estendida no chão para que secassem, outros azulejos já secos repousavam em suportes simples feitos de algum tipo de arame firme. Terminada a refeição aproximei-me do artista, que estava num momento de pausa, sem pintar os azulejos. Repeti o procedimento de apresentação, ao que o artista me sinalizou com um enfático “é claro!”, e demos início à entrevista. O artista me explicou que apenas precisaria me responder resumidamente pois tinha que terminar três encomendas que recebera mais cedo naquele dia. A entrevista durou cerca de 10 minutos, agradei ao artista e me despedi, atravessei o Largo do Café em direção à rua do Comércio, caminhei até o final da rua, que termina na rua Quinze de Novembro.

Virei à esquerda, muitos vendedores ambulantes, compradores de ouro, bancas de jornais, pessoas com roupas sociais e informais caminhando nas duas direções, um carro de polícia parado numa esquina. Caminhei em direção à Praça da Sé, avistei no trajeto outro pintor, dessa vez um retratista, e muitos artesãos vendendo joias artesanais feitas à mão.

No cruzamento da Rua Quinze de Novembro (nº89) com a rua do Tesouro e rua General Carneiro (Sé), avistei uma pequena multidão fechando em círculo um sujeito ao meio. Aproximei-me e observei sua atuação, estava vestido com um terno

preto, gravata borboleta vermelha, uma capa preta com forro em vermelho, no mesmo tecido da gravata, usava uma cartola e portava na mão um conjunto de cartas de baralho enquanto interagia com a pequena multidão. Suas vestes são muito similares às observadas tradicionalmente em circos itinerantes tradicionais, observei sua performance junto à multidão por aproximadamente vinte minutos, o truque que ele performava era adivinhar a carta escolhida por pessoas aleatórias interessadas na apresentação do artista. Em determinado momento, ele agradeceu o público e guardou as cartas numa bolsinha presa na cintura. Aproximei-me e fiz minha apresentação, o artista concordou em responder a entrevista, que durou cerca de 15 minutos. Este foi o último artista observado na região do Centro Histórico. Foram dois dias de caminhada, três artistas observados e entrevistados nos três distritos escolhidos na região central (Figura 8).

Figura 8 – Mapa do Centro Histórico e locais dos artistas entrevistados.



Fonte: Google Maps, 2022.

Na terceira caminhada desci na estação Consolação, linha verde do metrô, na altura do número 2150 da avenida Paulista. A caminhada na avenida Paulista aconteceu no dia 27 de novembro de 2022, um domingo, a partir do meio-dia. Escolhi o domingo pois é quando a avenida Paulista fica fechada para veículos, o que permite o uso do espaço por pedestres, artistas, vendedores ambulantes, bandas, performances, feiras de artesanato, atividades com bicicleta, skate, patins etc. É a

ocasião em que mais artistas estão presentes na avenida devido à disponibilização do espaço.

Caminhei até a frente do Shopping Center 3, a avenida estava lotada de pessoas, com várias aglomerações, a primeira pequena multidão cercava uma artista jovem que cantava e tocava violão, não identifiquei as músicas que ela cantava, mas sua apresentação era bastante animada e muitas pessoas contribuíam deixando dinheiro num chapéu deixado ao chão em frente à artista. A artista agradecia toda vez que alguém deixava dinheiro. Quando a artista agradeceu a presença do público, parei para abordá-la, após as devidas apresentações, a artista aceitou participar da entrevista, que durou cerca de vinte minutos.

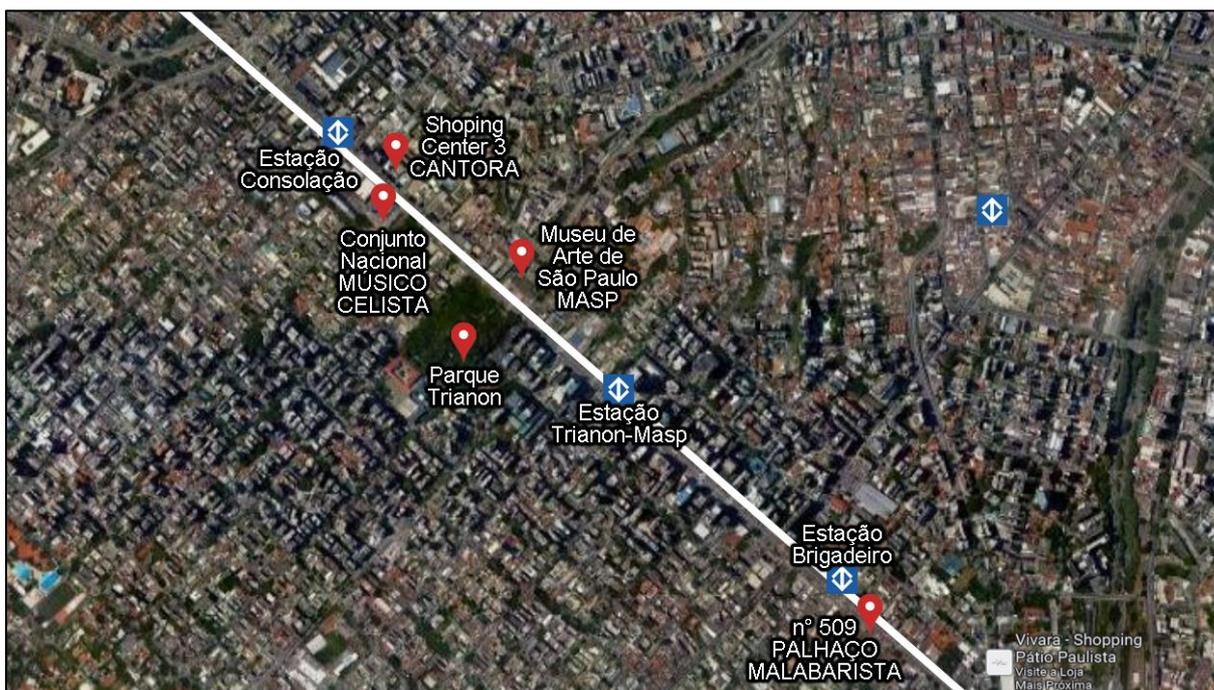
Terminada a entrevista, atravessei a avenida, e caminhei na calçada do Conjunto Nacional, prédio de arquitetura moderna com larga marquise. Na frente da entrada do Conjunto Nacional havia outro artista, aparência mais madura, tocando música erudita num violoncelo, muitas pessoas o cercavam, mas sem atrapalhar a passagem dos muitos pedestres que passavam por ele. À frente dele também estava um chapéu, onde as pessoas podiam deixar doações, junto ao chapéu havia uma caixa com *CD's*, a capa continha a foto do artista que estava tocando. Fiquei sentada no ponto de ônibus observando sua atuação, igualmente o artista agradecia quando o público deixava dinheiro no chapéu. Ao final da apresentação o artista deixou o violoncelo num suporte próprio para o instrumento e parou por uns instantes mexendo em seu celular, momento em que pedi licença e me apresentei. O artista aceitou participar da entrevista, que durou pouco menos de vinte minutos, despedi-me e segui minha caminhada em direção à Paraíso, em busca de outro artista.

Na altura do n.509, em frente à Livraria Martins Fontes, avistei várias crianças acompanhadas de seus pais e todos pareciam rir de algo que estava ao centro, ao me aproximar vi que se tratava de um homem jovem vestido de palhaço, rosto pintado de branco, estrelas pretas nos olhos, um grande nariz de palhaço e a boca contornada de vermelho. Usava um chapéu decorado com uma flor e fazia malabarismo com algumas bolinhas. O palhaço fazia papel de um malabarista atrapalhado, ele atirava uma bolinha para cima, duas, três, quatro, cinco, e então quando o público começava a ficar impressionado, a sincronia como malabarista parecia falhar, ele fingia se atrapalhar, derrubava uma bolinha ou outra, como quem estivesse tentando aprender mas sem muito sucesso, a cada "erro" do palhaço malabarista, as crianças e adultos davam muitas risadas, divertiam-se, às vezes o artista segurava as bolinhas, tirava o

chapéu da cabeça e passava o chapéu esticando o braço em direção ao público, que parecia estar à espera desse momento, quando colocavam alguma contribuição em forma de dinheiro dentro do chapéu, rapidamente o palhaço malabarista colocava o chapéu de volta na cabeça e voltava à sua apresentação.

Observei sua atuação por cerca de meia hora, o artista agradeceu o público e avisou que faria outra apresentação no mesmo local em duas horas. Aproximei-me do artista, após me apresentar o artista aceitou o convite para participação da entrevista, que durou quinze minutos. Este foi o terceiro e último artista entrevistado na avenida Paulista (Figura 9), o objetivo de entrevistar três artistas com habilidades diferentes em três distritos diferentes na mesma avenida foi atingido, encerrei aqui o ciclo de entrevistas e observações realizadas.

Figura 9 – Avenida Paulista e locais dos artistas entrevistados.



Fonte: Google Maps, 2022.

Não tive dificuldades em encontrar artistas para observar e entrevistar, todos os artistas foram bastante solícitos e entendiam quando eu explicava que precisava fazer as entrevistas para meu trabalho de conclusão de curso sobre artistas atuantes nas ruas. As respostas obtidas foram também muito interessantes e revelaram trajetórias um tanto quanto distintas, no entanto, a arte era o denominador comum entre os artistas, além da necessidade de sobreviver numa cidade tão desigual quanto

São Paulo. A aplicação do roteiro de entrevistas (Figura 10) também ocorreu sem problemas, a maior parte dos artistas respondeu o questionário de forma rápida, pois ainda estavam em horário de trabalho ou começariam outros turnos. O uso do aplicativo de transcrição imediata ajudou bastante na coleta das informações, pois a alternativa seria usar um gravador e transcrever as respostas posteriormente para análise dos dados, a transcrição imediata permitiu pular esta etapa e partir para a análise dos dados assim que concluí as observações e entrevistas com os seis artistas.

Figura 10 – Questionário aplicado nas entrevistas

Local da observação:
Data e hora da observação:

1. Idade:
2. Gênero:
3. Estado civil:
4. Escolaridade:
*Opções: Infantil / Fundamental / Médio / Técnico / Superior completo / Superior incompleto/
Pós / Não deseja informar
5. Nacionalidade:
6. Naturalidade:
7. Ocupação:
8. Tipo de arte performada:
9. Artista profissional: Sim / Não / Não deseja informar
10. Artista itinerante: Sim / Não / Não deseja informar
11. Apresenta-se em outro lugar além da rua: Sim / Não / Não deseja informar
12. Se sim, onde?
13. Há quanto tempo apresenta-se nas ruas de São Paulo?
14. Já sofreu algum tipo de preconceito, violência, ou passou por dificuldades durante as suas apresentações? Sim / Não / Não deseja informar
15. Gostaria de falar a respeito?
16. Tem alguma outra atividade remunerada ou não-remunerada central em sua vida?
17. Qual o significado da arte para você?
18. Em uma ou duas palavras, qual a principal motivação para se apresentar na rua:
19. Qual a importância do trabalho artístico no espaço público para você?
20. A Rua Barão de Itapetininga tem algum significado específico para você? e/ou em sua trajetória?
21. Pode contar um pouco da sua história de vida, da sua trajetória como artista, como artista atuante nas ruas de São Paulo?
Você pode escrever aqui, mandar sua história por e-mail, mandar por áudio no WhatsApp, ou qualquer outra forma de contato da sua preferência.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

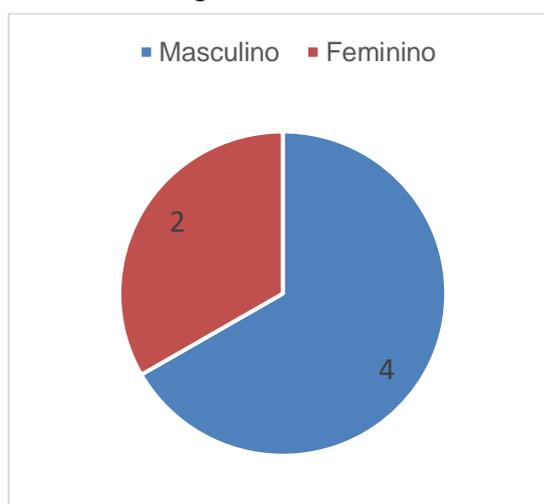
3.2 Perfil Socioeconômico

Antes de entrar nas questões mais específicas que essa pesquisa buscou responder, acho relevante trazer as informações mais objetivas coletadas para uma

melhor compreensão geral sobre os artistas que participaram das entrevistas. Os dados a seguir levaram em consideração as respostas dos seis artistas entrevistados.

Com relação ao gênero, a minoria da amostra é feminina, tendo entrevistado duas pessoas que responderam ser do gênero feminino (33% da amostra), enquanto a maioria – quatro indivíduos – se identifica como pertencente ao gênero masculino (67%) (Figura 11).

Figura 11 - Gênero



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Quanto à faixa etária, a maior parte da amostra possui entre 26 e 35 anos de idade (67%), e apenas um indivíduo na faixa dos 21 aos 25 anos e outro na faixa dos 45 aos 50 anos de idade (16,5% cada).

Figura 12 – Faixa etária

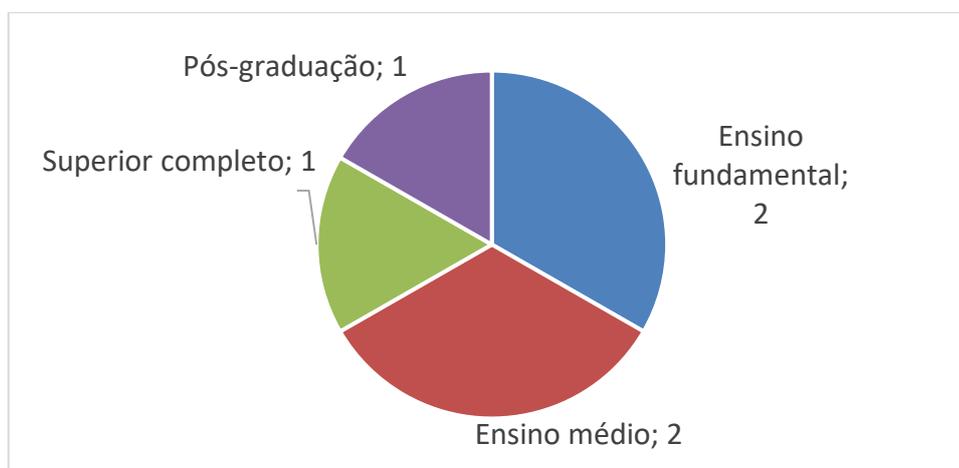


Fonte: Elaboração própria, 2022.

Com relação à nacionalidade, todos os artistas entrevistados são brasileiros, divergindo apenas com relação à naturalidade. A atriz (estátua viva) era de Camaçari,

na Bahia; o pintor, de Fortaleza, Ceará; o mágico ilusionista de Campinas, interior de São Paulo; a cantora, da Zona Sul do Rio de Janeiro; o músico celista de Contagem, Minas Gerais; o palhaço malabarista natural de São Paulo capital. Quanto ao grau de escolaridade, dois dos entrevistados relataram ter estudado apenas até o Ensino Fundamental, dois estudaram até o ensino médio, um possui bacharelado em música com especialização em instrumentos de corda, e uma possui Pós Latu Sensu em Música, com especialização em canto (Figura 13).

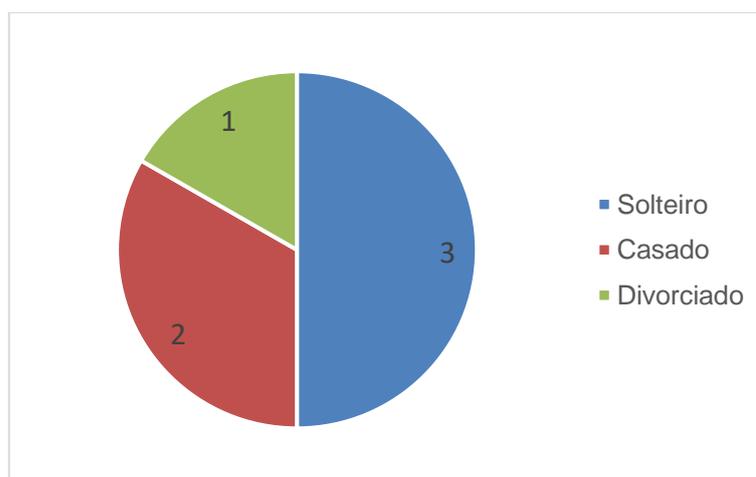
Figura 13 – Grau de escolaridade



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Quanto ao estado civil, metade dos entrevistados declararam-se solteiros, dois declararam-se casados e apenas um declarou ser divorciado (Figura 14).

Figura 14 – Estado civil



Fonte: Elaboração própria, 2022.

3.3 Os artistas e os espaços

Uma das dimensões analisadas por este trabalho foi a existência ou não de alguma relação que os artistas pudessem ter com os espaços onde escolhem se apresentar. Antes de compreender se os artistas veem seu trabalho como forma de democratização dos espaços, e se existe intencionalidade neste sentido, foi necessário verificar também se os locais escolhidos para performance possuem, na perspectiva dos artistas, alguma significação. Elaborei no roteiro de entrevistas uma questão específica sobre a relação deles com o espaço, a pergunta questionava se a rua onde o artista estava se apresentando possuía algum significado específico para ele/ela. As respostas foram bastante variadas, entre os seis artistas, apenas um (o pintor) afirmou que a rua (Largo do Café) não tinha nenhum significado, pois ele é “do mundo” e viaja bastante com um grupo de amigos de artistas de rua, mas relatou gostar dali pois as pessoas já o conhecem (Anexo II). Foi elaborada uma tabela (Tabela 1) com os significados dos locais escolhidos de acordo com as respostas dos entrevistados, identifiquei cada artista pelo tipo de arte por ele performada no momento da observação.

Tabela 1 – Significados dos espaços segundo os artistas

Artista	Local	Possui significado	Significado
Atriz (estátua viva)	Rua Barão de Itapetininga (República)	Sim	Primeira moradia em São Paulo.
Artista plástico (pintor)	Largo do Café (São Bento)	Não	-
Mágico ilusionista	Rua Quinze de Novembro (Sé)	Sim	Início da vida como artista de rua
Cantora e violonista	Avenida Paulista (Consolação)	Sim	Primeiro local da cidade que gerou retorno financeiro e oportunidades de trabalho
Músico celista	Avenida Paulista (Cerqueira César)	Sim	Relata ser sua “segunda casa”, gosta da diversidade existente
Palhaço malabarista	Avenida Paulista (Paraíso)	Sim	Familiaridade e diversidade existente

Fonte: Elaboração própria, 2022.

É interessante notar que a maior parte dos artistas entrevistados afirmou que o local é escolhido por significado pessoais e específicos que o local ocupa em suas realidades, os motivos são normalmente afetivos, por representarem relevância quanto à história de vida do artista (primeira moradia do artista na cidade) ou trajetória

enquanto artista (marcou o início da vida como artista de rua). Dois dos entrevistados afirmaram que gostam da diversidade existente na avenida Paulista, esta sendo uma das características mais marcantes do significado simbólico desta avenida na cidade de São Paulo. E dois dos artistas ainda relatam que entre os motivos para escolha do local foi o retorno financeiro já recebido nesses locais.

Enquanto é importante entender as motivações por trás das escolhas das apresentações, o principal objetivo deste trabalho foi compreender se, na perspectiva dos artistas atuantes nas ruas a sua atuação artística pode evidenciar a ruas enquanto espaço democrático, plural e igualitário. Para investigação desta questão, não seria possível utilizar a palavra “democrático”, ou “igualitário” e ainda “plural” dentre os termos escolhidos para as questões do roteiro de entrevistas, pois ao sugerir termos carregados desses valores, os artistas poderiam ser influenciados pelas palavras e apenas concordar com o que a questão pedia como resposta. Em vez disso, elaborei questões sobre a principal motivação dos artistas para se apresentar nas ruas em poucas palavras, o significado da arte na rua para o artista, e o significado da arte para o artista. Das questões elaboradas, as de número 17 a 21, foram usadas para identificar termos, palavras, frases mencionadas pelos próprios artistas que estivessem relacionados à questão da pesquisa. Foi realizada a leitura sistemática das entrevistas, e foi possível identificar diversas expressões na fala dos artistas relacionadas à questão (Tabela 2).

Tabela 2 – Perspectivas dos artistas sobre sua atuação nas ruas

Artista	Palavras, termos e expressões usadas relacionadas à questão da pesquisa
Atriz (estátua viva)	“Levar arte para todos”; “Ocupar espaço que é de todos” (anexo I).
Artista plástico (pintor)	“Dividir minha maneira de ver o mundo sem a restrição do museu” (anexo II).
Mágico ilusionista	“(…) tira a barreira que existe entre a arte e o público”; “fazer a vida das pessoas mais leve, sem que elas paguem por isso” (anexo III).
Cantora e violonista	“de repente [“o ricoço”, “a galera”] pode parar por 20 minutos, meia hora, pra ver um show gratuito”; “gente que talvez nunca pagaria pra te ver cantar num lugar fechado”; “poder cantar de graça e livre” (anexo IV).
Músico celista	“tocar para todos, sem distinção de cor, raça ou posição social”; “A arte deveria ser para todos”; “Levar a arte para as ruas é a democratização da arte, democratização do espaço público, democratização da sociedade” (anexo V).
Palhaço malabarista	“a arte na rua é a chance da gente participar de um movimento de ocupação inclusivo, livre e gratuito”; “Tem gente na rua que não tem dinheiro pra ir ao circo, ao teatro, muito menos no cinema”; “A gente como artista de rua também tem o direito de dar sentido à rua através dessa ocupação, é a democracia funcionando” (anexo VI)

Fonte: Elaboração própria, 2022.

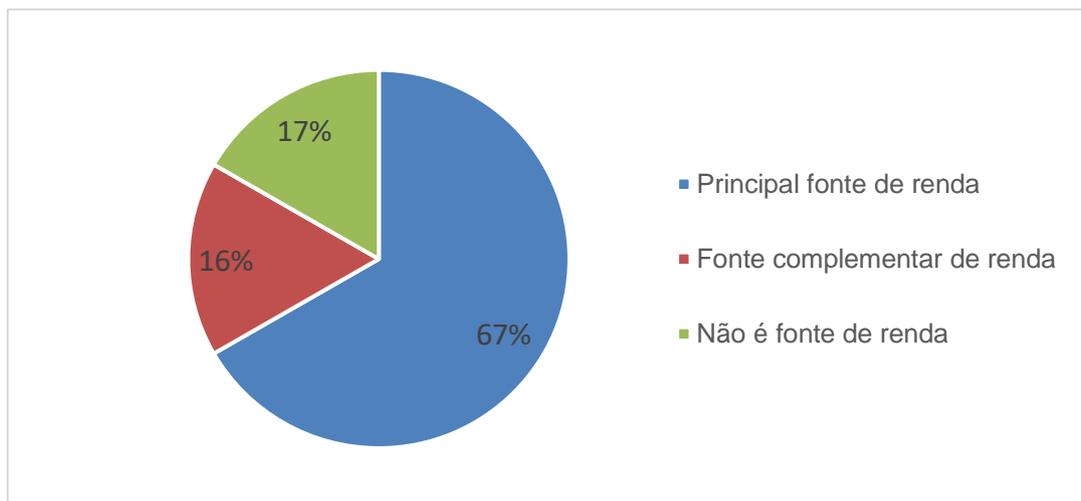
Embora não seja possível afirmar que exista a intencionalidade de democratizar o espaço urbano a partir das atuações dos artistas, é notável a consciência dos artistas sobre o espaço que ocupam e sobre a possibilidade de democratizar o acesso à arte, esta sendo inclusive uma das principais motivações por trás das atuações de alguns artistas entrevistados. Alguns artistas mencionam especificamente a “democratização da arte” a “democratização do espaço público” e “democratização da sociedade” (músico celista, 2022, anexo V), o que demonstra a intencionalidade do artista na democratização do espaço público através de sua atuação enquanto artista de rua, este artista é o mesmo que citou a diversidade existente na avenida Paulista como uma das suas principais motivações para escolha do local de apresentação. Além deste artista, também há outro que menciona especificamente a ocupação da rua como um “movimento de ocupação inclusivo, livre e gratuito” (palhaço malabarista, 2022, anexo IV), neste caso a democratização seria para os próprios artistas, uma vez que o artista menciona a ocupação dos espaços pelos artistas, mas ainda assim, sua fala está relacionada à democratização dos espaços públicos. Apesar da cantora e violonista não mencionar especificamente consciência e intenção em direção à democratização das ruas, ela cita “levar a arte para todos” e ainda “ocupar o espaço que é de todos”, frases diretamente relacionadas ao sentido da democratização, partindo do princípio que o sentido de democratizar é fazer da sociedade um lugar onde todos participam igualmente. O termo democracia vem do grego *dēmokratía*, palavra criada a partir de *demos* (povo) e *kratos* (poder) (WILSON, 2006, p. 511), democracia é o poder pelo povo, de modo que todas as decisões que afetam a vida dos cidadãos são tomadas de forma igualitária e conjunta por todos. O sentido da democratização dos espaços, portanto, é tornar público o que é de todos e dar acesso igualitário a tudo a que todos pertence. O pintor foi o artista que fez menos menções relacionadas à questão da pesquisa, ele diz, no entanto, que para ele a importância do trabalho artístico na rua é levar a maneira dele de ver o mundo para todos sem que haja a restrição do museu, qual é a restrição do museu a que o artista se refere? Seria a separação das vias públicas de um espaço fechado que possui regras para exibição das artes, hora de funcionamento e relacionado às instituições formais? Seria a cobrança de um ingresso para entrada no museu? Não é possível concluir a partir das respostas do artista, mas é certo que para este artista a arte exibida no museu representa restrição com relação à arte exibida na rua.

A resposta do mágico ilusionista fala sobre a remoção da barreira existente entre a arte e o público, embora o artista não tenha aprofundado este pensamento, na resposta à mesma questão (questão 19, anexo III) o artista elabora dizendo que na rua o artista está sujeito ao que o público pensa sobre sua manifestação artística e a como o público reage. Nesta mesma questão o artista fala sobre “fazer a vida das pessoas mais leve, sem que elas paguem por isso” (mágico ilusionista, 2022, anexo III), resposta cuja relação com a democratização dos espaços públicos não é evidente, porém o fato do artista mencionar a gratuidade da arte de rua pode ser considerado uma das características da democratização possibilitadas pela exibição da arte nos espaços públicos. A cantora e violonista ainda menciona que o show é gratuito para todos, independentemente de sua posição social (“o ricoço”, “a galera”) e ainda reflete que na rua ela tem acesso a um público que talvez nunca pagaria para vê-la cantando em outro lugar, o que ela considera positivo tanto para o público como para divulgação do seu trabalho (questão 19, anexo I). Outro artista que menciona especificamente a possibilidade de se apresentar para todos, independente do status social dos indivíduos, é o músico celista, que na questão sobre a importância do trabalho artístico nas ruas responde que “tocar para todos, sem distinção de cor, raça ou posição social” e ainda “a arte deveria ser para todos” (músico celista, 2022, anexo V). Ainda no mesmo sentido de disponibilizar o acesso à arte de forma gratuita ao público, o palhaço malabarista reflete que há pessoas na rua que não dispõem de recursos financeiros para ter acesso às artes, aos artistas no circo, teatro ou cinema (anexo IV), por isso considera importante a exibição de arte nas ruas.

A análise das respostas dadas pelos artistas mostrou que na visão dos artistas, há sim a consciência sobre a importância de seu trabalho na democratização dos espaços, mesmo quando não há a intencionalidade do artista em democratizar os espaços a partir de sua atuação, a maioria dos artistas reconhece que seu trabalho faz das ruas espaços mais democráticos, primeiro porque permite o acesso do público à arte sem que tenham que pagar por isso, segundo porque a livre manifestação da arte num espaço que não é restrito a ninguém, que todos potencialmente têm acesso e, terceiro, porque o artista pode manifestar-se e divulgar seu trabalho livre e gratuitamente, sem ter que pagar por esta divulgação ou outras taxas cobradas dos artistas que se apresentam em locais fechados. Embora o retorno financeiro seja importante à atuação dos artistas (Figura 15), uma vez que a maioria deles relata que as performances artísticas nas ruas são sua principal fonte de renda, eles não veem

esse retorno como obrigatório pelo público, retribui quem puder e quem quer. Aqui há também o reconhecimento pelos artistas que a contribuição voluntária é um dos fatores imprevisíveis nas apresentações de rua. É importante mencionar que apesar da atuação dos artistas ser regulada pelo poder público, o seu trabalho é informal e eles não possuem direitos sociais ou o reconhecimento de seu trabalho como artistas.

Figura 15 – Arte de rua como principal fonte de renda



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Mas, se considerarmos que a atuação dos artistas de rua contribui, direta ou indiretamente, à democratização dos espaços públicos, há de ser reconhecida a sua importância enquanto agentes de transformação social, que contribuem para o desenvolvimento democrático numa sociedade essencialmente capitalista. Os artistas de rua evidenciam ainda a existência de uma sensibilidade social que ultrapassa os limites da arte, uma vez que possuem consciência das realidades sociais, políticas e econômicas que os cercam enquanto artistas de rua, bem como as implicações de sua presença nos espaços públicos e as maneiras como influenciam o público.

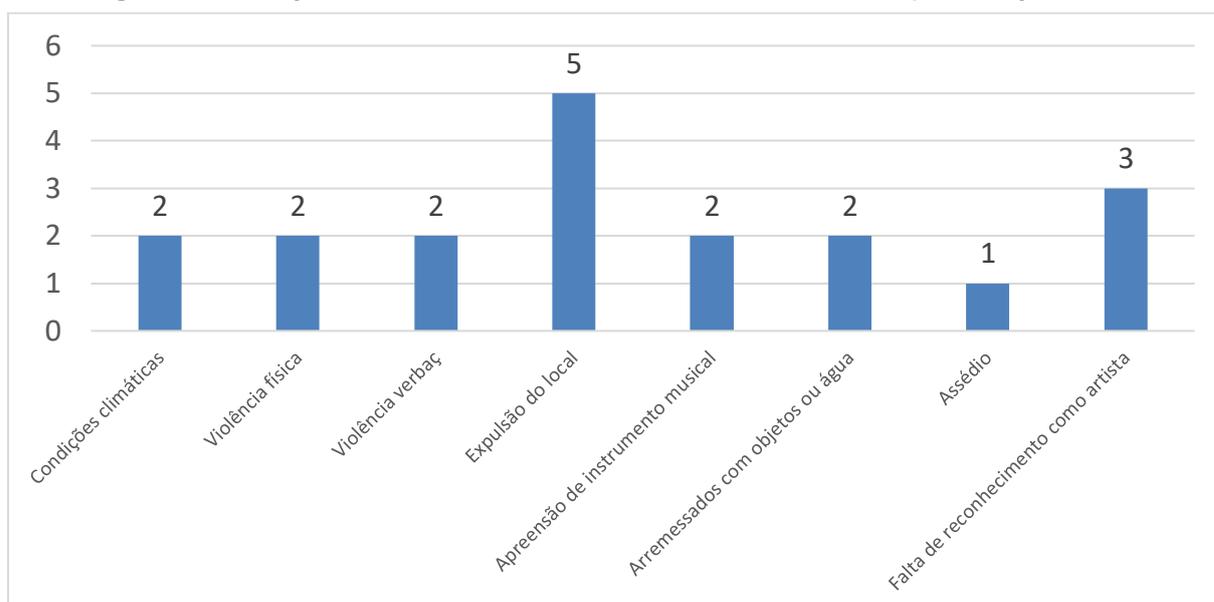
Ainda há de se pensar na dignidade desses artistas, que além de trabalhar sem a certeza de estabilidade financeira, sujeitos às variações climáticas, ainda estão sujeitos às ações de agentes públicos e de seguranças que muitas vezes impedem seu trabalho e alguns ainda agem de forma violenta com relação aos artistas. No questionário foi feita uma questão específica sobre as dificuldades ou violências sofridas pelos artistas durante suas apresentações, apenas um artista não relatou nenhuma dificuldade ou violência, mencionando apenas que para não ter problemas evita parar nas entradas de prédios e lojas. Foi elaborada uma tabela com as menções

às violências e/ou dificuldades dos artistas durante suas apresentações nas vias públicas (Tabela 3). Dos seis artistas entrevistados, cinco relataram já terem sido expulsos do local de apresentação tanto por agentes públicos (polícia) como privados (seguranças) de segurança, deixando evidente o preconceito que os artistas de rua sofrem tanto por parte dos agentes representantes do poder público como pelas instituições privadas, como condomínios, estabelecimentos comerciais, bancos, lojas etc.

Tabela 3 – Principais violências/dificuldades mencionadas pelos artistas

Artista	Violência sofrida / dificuldade durante a apresentação?
Atriz (estátua viva)	Atiraram objetos; condições climáticas; expulsa do local por agentes públicos e privados de segurança (anexo I).
Artista plástico (pintor)	Não sofreu violência nem cita dificuldades durante suas apresentações, mas evita parar em portas de prédios e lojas (anexo II).
Mágico ilusionista	Atiraram água; já sofreu violência física e verbal de agentes de segurança públicos e privados. Chamado de “vagabundo” (anexo III).
Cantora e violonista	Violão levado pela polícia; assédio do público masculino; expulsa do metrô por agentes de segurança (anexo IV).
Músico celista	Condições climáticas; quase teve o violoncelo apreendido pela polícia algumas vezes; preconceito com pessoas que não reconhecem o trabalho do artista de rua; expulso do local por agentes de segurança públicos e privados (anexo V).
Palhaço malabarista	Foi chamado de vagabundo; expulso do local por agentes de segurança públicos e privados; sofreu violência física da polícia (anexo VI).

Figura 16 – Menções às violências sofrida e dificuldades durante a apresentação na rua



Fonte: Elaboração própria, 2022.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou uma melhor compreensão sobre as perspectivas que os artistas de rua possuem sobre suas atuações artísticas com relação aos espaços públicos da cidade de São Paulo. Apesar da existência de decretos que regulam a atividade dos artistas nas vias e logradouros públicos, essa atividade ainda está sujeita ao senso comum e preconceito, como revelaram os dados desta pesquisa. Busquei compreender a perspectiva dos artistas sobre os locais onde escolhem se apresentar e suas perspectivas sobre sua atuação nos espaços públicos, a partir de seus próprios pontos de vida e opiniões. A questão central que esta pesquisa buscou responder foi se os artistas atuantes nas ruas veem a sua atuação artística como forma de evidenciar a rua enquanto espaço democrático, plural e igualitário.

A partir de observações e entrevistas realizadas com seis artistas atuantes na cidade de São Paulo, foi possível concluir que a maior parte dos artistas entrevistados são conscientes sobre as possibilidades de democratização dos espaços a partir de sua atuação, pelo menos dois dos artistas citaram diretamente a democratização dos espaços como uma de suas principais motivações, quase todos os artistas entrevistados entendem que a rua é um espaço de manifestar igualdades, por ser um espaço público ao qual todos potencialmente têm acesso. A pluralidade é citada indiretamente, através da palavra “diversidade”, os artistas reconhecem a diversidade existente no público da rua, e consideram que apresentações em locais fechados não seriam tão diversas como nos espaços públicos onde se apresentam.

Embora talvez os artistas entrevistados não tenham demonstrado a intencionalidade da democratização dos espaços, todos reconhecem os espaços públicos como locais onde a arte pode ser ofertada igualmente para todos, sem distinção do público, e de forma gratuita, a liberdade mencionada pelos artistas refere-se tanto à livre exibição da arte nas vias e logradouros públicos como às possibilidades da livre manifestação da arte a partir das habilidades artísticas das quais dispõem. Através do estudo das histórias de vida, das suas formas de ver a arte, de como os artistas veem suas atuações nos espaços públicos e das principais motivações por trás das apresentações artísticas exibidas, pode-se afirmar que todos os artistas entrevistados são conscientes das possibilidades das exposições artísticas nos espaços onde se apresentam, mostrando um alto grau de consciência sobre suas realidades sociais, políticas e econômicas.

Além da questão central, este trabalho também buscou compreender as possíveis relações existentes entre os artistas e os espaços escolhidos por eles para suas apresentações. Foi elaborada no roteiro de entrevistas uma questão específica que indagava os artistas sobre os possíveis significados do local escolhido segundo suas próprias perspectivas. Todos os artistas responderam positivamente à questão, seja por motivos afetivos, por suas histórias de vida, histórico se suas trajetórias enquanto artista. As ruas escolhidas ora representavam o primeiro local a que o artista desenvolveu vínculo na cidade, ou o primeiro local que resultou em retorno financeiro ao artista, muitos dos artistas relatam que continuam se apresentando nos locais por ser o primeiro local onde iniciou a carreira artística nas ruas, e familiaridade com o local também foi citada. A maioria dos artistas entrevistados não era natural de São Paulo e acabou mudando-se em busca de trabalho, de expandir suas carreiras e divulgar seus trabalhos, apenas um deles não se apresenta com frequência no mesmo local, sendo artista itinerante e trabalhar também como vendedor ambulante.

Além de buscar as possíveis relações simbólicas entre os artistas e os espaços, esta pesquisa também buscou compreender a história de formação dos locais escolhidos para observação dos artistas e se, de alguma forma, a história de formação dos distritos onde os artistas foram entrevistados tinha alguma relação com o surgimento de muitos artistas se apresentando nesses locais em todos os dias da semana. A pesquisa revelou que, apesar de processos históricos de formação diferentes, ambos os locais possuem algumas similaridades que atraem a presença dos artistas de rua. A região do centro histórico já se sobressaía como centro econômico e comercial da cidade na década de 1910, atingindo seu auge entre as décadas de 1950 e 1970, quando a especulação imobiliária afastou os grandes bancos e outras empresas de grande porte da região. O centro histórico é repleto de pontos turísticos, o que acaba por atrair muitos pedestres, além das ruas principais onde artistas são mais comumente observados, serem restritas ao acesso de veículos automotores, sendo de uso exclusivo de pedestres, estes dois fatores combinados parecem contribuir à escolha desses locais pelos artistas de rua. A avenida Paulista, embora tenha surgido como forma de expandir a zona residencial da cidade, foi aos poucos tornando um símbolo econômico, passou a atrair bancos e comércio e atraiu a atenção de arquitetos e engenheiros, com a construção de prédios com trinta ou mais andares. A diversidade do uso do solo da região passou a atrair indivíduos dos mais variados tipos, desde moradores, a trabalhadores da região, turistas, vendedores

ambulantes e artistas. As calçadas largas, o grande número de pedestres, as ações culturais promovidas na avenida e a diversidade do público parecem ser alguns dos fatores que mais atraem os artistas que se apresentam na região. Mais de um dos artistas entrevistados mencionou que a avenida Paulista representa, para eles, o local de maior retorno financeiro, principalmente devido ao número de pedestres caminhando pela avenida em todos os dias da semana.

No primeiro capítulo situei o trabalho no campo da Antropologia, especificamente da Antropologia Urbana, a partir de Georg Simmel refleti sobre o desenvolvimento das individualidades e da diversidade de pensamentos no contexto das cidades grandes. Levei em consideração os conhecimentos e técnicas difundidas por Robert Ezra Park, influenciado pelo pensamento de Simmel, que considerava as cidades como ponto de partida para compreensão do mundo. Também avaliei os possíveis sentidos da arte manifestada da rua a partir de Clifford Geertz e Ricardo Campos, concluindo que a manifestação da arte é a manifestação da própria sensibilidade do artista com relação às realidades sociais, econômicas, políticas nas quais o artista está inserido, a manifestação da arte só pode ser compreendida a partir da compreensão dessas realidades, uma vez que são consequências dessa. Realizei ainda o levantamento da legislação vigente que rege a atuação dos artistas de rua a partir da consulta dos decretos nos diários oficiais.

Através de excursões para reconhecimento dos possíveis locais para observação de artistas realizadas a pé, expliquei no segundo capítulo como se deu a escolha das regiões a serem observadas. Foram feitas duas caminhadas pela cidade em dias diferentes, em regiões comumente escolhidas pelos artistas, para verificar a possibilidade de observação, bem como questões relacionadas à segurança necessária para observação, uma vez que algumas das regiões da cidade são conhecidas pelos índices de criminalidade. Em busca de diversidade de respostas, foram buscados artistas com diferentes habilidades, cada um em um distrito diferente das duas regiões escolhidas, sendo: no Centro Histórico foram escolhidos uma estátua viva na República, um pintor no Largo do Café e um mágico ilusionista na Sé; e na avenida Paulista foram escolhidos uma cantora e violonista na Consolação; um músico celista na Cerqueira César e um palhaço malabarista na Paraíso. Ainda no segundo capítulo fiz o levantamento histórico de cada região, investiguei suas principais características e busquei caracterizar as regiões a partir de seus contextos contemporâneos. Também busquei dados objetivos sobre o perfil dos artistas de rua

atuantes na cidade de São Paulo, procurei através de pesquisa bibliográfica, informações já existentes sobre os artistas. Foi usado um levantamento publicado em 2012 como base para referência, não foram encontrados dados mais recentes, a pesquisa, no entanto, forneceu um quadro geral sobre os artistas de rua, bem como ajudou a definir os principais pontos de observação possíveis através da identificação de três pontos principais para atuação dos artistas de rua de São Paulo.

No terceiro capítulo trabalhei com a etnografia urbana a partir da observação direta dos artistas em seus locais de apresentação, foram realizados diários de campo não estruturado ou categorizado para registro das informações relevantes à pesquisa, tentei identificar códigos próprios dos artistas com relação aos espaços, às performances e ao público. Uma prática comum identificada em todos os artistas é a prática de “passar o chapéu”, o chapéu em alguns casos sendo literalmente um chapéu, em outros casos uma caixa, sempre posicionados em frente aos artistas. Foi possível identificar várias informações objetivas sobre a atuação dos artistas, no entanto, como a questão central deste trabalho é de natureza subjetiva, foi necessário elaborar um roteiro de entrevistas a serem conduzidas com os artistas, para que informações sobre as perspectivas pessoais de cada artista pudessem ser descobertas e analisadas a partir da perspectiva sociológica. As entrevistas foram realizadas a partir de um *tablet* da marca *Xiaomi* com transcrição imediata da voz para o texto, de forma que o texto era gerado a partir da fala dos artistas sobre eles mesmos e suas formas de pensar e ver o mundo. Ainda no terceiro realizei a análise socioeconômica da amostra coletada, e analisei as informações mais subjetivas coletadas a partir das entrevistas, como questões relacionadas a como os artistas veem a si mesmos, suas opiniões sobre a arte, sobre o significado da arte nos espaços públicos, sobre suas histórias e experiências de vida, foi possível categorizar algumas das informações coletadas, como o significado da escolha dos locais de apresentação de cada artistas, sobre o sentido que veem em suas apresentações no espaço público e sobre as realidades vividas durante suas apresentações, como violências ou dificuldades enfrentadas no cotidiano de seu trabalho.

Esta pesquisa permitiu conhecer melhor a realidade dos artistas de rua, bem como conhecer um pouco de suas realidades subjetivas e suas formas de pensar o mundo. Foi possível responder à questão inicial da pesquisa, embora fosse necessário aprofundar algumas questões a partir das respostas dos artistas, isso demandaria mais de uma visita e mais de uma entrevista com cada artista, no entanto

as respostas coletadas formaram uma base para compreensão de que sim, os artistas possuem consciência que suas habilidades artísticas exibidas nos espaços públicos podem representar uma forma de evidenciar a rua enquanto espaço democrático, igualitário e plural. Também foram observados códigos únicos na atuação dos artistas, tanto com relação aos espaços como com o público. Esta pesquisa permitiu também conhecer um pouco da trajetória dos artistas, e identificar que São Paulo é uma cidade que recebe artistas de todo o país, apenas dois dos entrevistados nasceram no estado, e apenas um era natural da cidade. As trajetórias analisadas são únicas, para cada artista há uma história diferente, uma trajetória distinta, mas que todas essas trajetórias convergem em dois pontos: a arte e a rua.

As ruas são uma parte importante na atuação dos artistas observados, e constitui a principal fonte de renda da maioria dos entrevistados, na maior parte dos casos analisados o local escolhido pelo artista tem algum significado mais profundo e pessoal, como motivos afetivos e como parte das suas trajetórias artísticas, além disso todos os artistas entrevistados mencionaram a importância da arte em suas vidas, falando de amor à arte e o sentido da vida que pode ser compreendido através da arte, o que mostra a relação com as reflexões de Geertz exploradas no primeiro capítulo. Os artistas compreendem que a arte nos espaços públicos pode ser uma forma de democratizar os espaços e, nesta perspectiva, os artistas poderiam ser vistos além de suas habilidades, mas como agentes de transformação da sociedade, colaborando à igualdade entre os indivíduos, pois a exibição da arte nos logradouros e vias públicas equaliza o público, sem distinguir indivíduos por suas situações sociais e econômicas. A arte da rua é gratuita, e pode ser acessada potencialmente por todos.

Deste modo, é preciso pensar maneiras de valorizar os artistas de rua, enquanto agentes sociais de transformação, pois um dado preocupante desta pesquisa é a constatação de que todos os artistas mencionam ou reconhecem a existência de dificuldades no exercício de seu trabalho, além da falta de reconhecimento do poder público, ainda relatam violências vividas durante suas apresentações nos espaços públicos. Ainda há poucas iniciativas do poder público neste sentido, e nenhum órgão oficial realiza pesquisas ou levantamentos que podem ajudar a melhorar as políticas públicas que afetam a vida dos artistas. A ocupação “artista de rua” precisa ser reconhecida, e esta categoria, formada por pessoas das mais diversas trajetórias e realidades, precisa desse reconhecimento para que as ruas sejam não apenas um local de trabalho mais seguro, mas também mais dignas.

REFERÊNCIAS

- ABALOS JÚNIOR, José Luís. Reconhecendo o território: A produção de caminhadas e imagens no bairro Floresta em Porto Alegre. *In: MARX, Vanessa (Org.). O 4º Distrito a partir do olhar dos atores sociais no bairro Floresta*. Porto Alegre: UFRGS, 2022, p. 38-49.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BECKER, H. S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução: Maria Luiza X. de A.
- BECKER, Howard S. A Escola de Chicago. Tradução de Vera Pereira. **Mana - Estudos de Antropologia Social**, vol.2, n. 2, 1996, p. 177-188.
- BLOCH, Marc. Commerce et routes. **Annales d'histoire économique et sociale**. Paris, 1931. p. 295-298.
- BOLOGNESI, Mario Fernando. Mendigos, Comerciantes e Artistas Profissionais. **Revista Arte da Cena**, Goiânia, v.5, n.2, jul./dez. 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/artce>>. Acesso em 18 jun. 2022.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**. A Revolução Francesa da historiografia. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Unesp, 1997.
- BUSCARIOLLI, Bruno; CARNEIRO, Adele de Toledo; SANTOS, Eliane. Artistas de rua: trabalhadores ou pedintes? **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 18, n. 37, p. 879-898, set./dez. 2016.
- CAMPORESI, Piero (a cura di). **Il Libro dei Vagabondi**. Milano: Garzanti, 2003.
- CAMPOS, R. **A Arte Urbana enquanto "Outro"**. VIRUS, São Carlos, n. 9 [online], 2013. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/carpet_data/44/44br.pdf>. Acesso em 21 out. 2022.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- CASTELLS, M. **Fim de Milênio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CASTELLS, M. **O poder da Identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CASTELLS, M; BORJA, J et al. **Las grandes ciudades en la decada de los noventa**. Madrid: Editorial Sistema, 1990.
- CONSTANTI, Francine. Artistas de rua do centro de São Paulo. A Vida no Centro, São Paulo, 27 jun. 2019, **Olhar Literário**. Disponível em: <<https://avidanocentro.com.br/blogs/artistas-de-rua-do-centro-conheca-pessoas-que-se-apresentam-ao-ar-livre/>>. Acesso em 18 jun. 2022.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v.4, n.7, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9160>. Acesso em: 16 nov. 2022.
- ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia: Saberes e Práticas. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 9, n. 21, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301>. Acesso em: 18 nov. 2022.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**, Porto: Ed. Afrontamento, 1975.

FRÚGOLI JR., Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia . Revista De Antropologia, v.48, n. 1, São Paulo: USP, 2005, p. 133-165.

GEERTZ, Clifford. A arte como um sistema cultural. 12º Ed. Tradução: Vera Joscelyne. **O saber local**. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 142-181.

HAMMERSLEY, M. e ATKINSON, P. **Ethnography**: principles in practice. Nova York: Routledge, 1995.

IANNI, O. **Cidade global**, Petrópolis: Revista Cultura Vozes, ano 88, nº 2, 1994.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1978.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MALINOWSKI, B. K. Os pensadores: **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARX, K: **Trabalho Assalariado e Capital**, SP, Ed. Sociais, s/d.

METELO, Diogo. **Quando a arte se atravessa na rua**. JornalismoPortoNet, Porto, 3 mai. 2021, Seção Cultura. Disponível em: <<https://www.jpn.up.pt/2021/05/03/quando-a-arte-se-atravessa-narua/>>. Acesso em 18 jun. 2022.

NAGASHIMA, Renata; PAES, Sarah. **Artistas citam os desafios e recompensas de atuar nas ruas**. Correio Braziliense, Brasília, 17 nov. 2018, Seção Cidades. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/11/17/interna_cidadesdf,719973/artistas-citam-os-desafios-e-recompensas-de-atuar-nas-ruas-do-df.shtml>. Acesso em 18 jun. 2022.

NUNES, José Horta. **Artista de rua**. Enciclopédia Discursiva da Cidade, Campinas, 17 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete/view&id=214>>. Acesso em 18. Jun. 2022.

PORTO, Paulo. **Bobos da corte, eles estão no Brasil!** Redação ABC do ABC, Santo André, 18 jul. 2017. Caderno Pelas Barbas do Profeta. Disponível em: <<https://www.abccoabc.com.br/caderno/bobos-corte-eles-estao-brasil-52537>>. Acesso em 18 jun. 2022.

REALE, Ebe. **Brás, Pinheiros, Jardins; três bairros, três mundos**. São Paulo: Pioneira; Ed. da Universidade de São Paulo, 1982. 225p.

ROLNIK, R.. **A cidade e a Lei**. São Paulo, Studio Nobel, 1997.

SALTIMBANCO. In: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Caieiras: Melhoramentos, 2023. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/saltimbanco>>. Acesso em: 28 jan. 2023.

SALTIMBANCO. In: Treccani, Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti iniziata dall'Istituto Giovanni Treccani. Itália, Treccani, 2023. Disponível em: <<https://www.treccani.it/vocabolario/ricerca/saltimbanco/>>. Acesso em: 28 jan. 2023.

SÃO PAULO (Município). Lei nº 15.776 de 20 de maio de 2013.

SÃO PAULO, Decreto nº 55.140, de 23 de maio de 2014. Regulamenta a Lei nº 15.776, de 29 de maio de 2013, que dispõe sobre a apresentação de artistas de rua nos logradouros públicos do Município de São Paulo, e revoga o de 2014. Diário oficial do município de São Paulo, São Paulo, ano 59, n.96.

Disponível em: <<https://www.docidadesp.imprensaoficial.com.br/NavegaEdicao.aspx?ClipID=CFO5IPABBOKB6eEMK8NFE02NHQE&PalavraChave=55.140>>. Acesso em: 20 out. 2022.

SÃO PAULO, Decreto nº 57.086, de 24 de junho de 2016. Institui o Programa Ruas Abertas, nos termos da Lei Federal nº 12.587, de 3 de janeiro de 2012 - Política Nacional de Mobilidade Urbana. Diário oficial do município de São Paulo, São Paulo, ano 61, n.117. Disponível em: <<http://www.docidadesp.imprensaoficial.com.br/NavegaEdicao.aspx?ClipID=FVDIDT0QEKDEJe169C457GD6FC3&PalavraChave=57.086>>. Acesso em: 20 out. 2022.

SASSEN, Saskia (1998). **As cidades na economia mundial**. São Paulo, Studio Nobel.

SENNET, Richard (2002). **A nova sociedade urbana**. Le Monde Diplomatique, Edição Brasileira.

SILVA, BARROS ET AL. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de Histórias de vida. **Mosaico Estudos em Psicologia**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224/3816>>. Acesso em: 18 out. 2022.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito (1903)**. Tradução de Leopoldo Waizbort. Mana - Estudos de Antropologia Social, v. 11, n. 2, 2005, p. 577-591.

SPTURIS. **Artistas de rua: levantamento e pesquisa de perfil**. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://observatoriodeturismo.com.br/pdf/artistas_ rua.pdf>. Acesso em 20 out. 2022.

VAN GOGH, Vincent. [Correspondência]. Destinatário: Theo van Gogh. Cuesmes, 1979, carta digitalizada, Van Gogh Museum, Amsterdã. Disponível em: <<https://www.vangoghmuseum.nl/en/letters/collection/b0153bV1962>>. Acesso em out. 2022.

VÉRAS, Maura P. B. **DiverCidade, territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo** – tese livre docência PUCSP, 2001.

VÉRAS, Maura P. B. **Novos olhares sobre São Paulo**, Revista MARGEM, Fac. Ciências Sociais, Educ, Fapesp, 1997.

VÉRAS, Maura P. B. **Trocando Olhares: uma introdução à construção sociológica da cidade**, São Paulo: Studio Nobel – EDUC, 2000.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. **Sociedade Urbana: desigualdade e exclusões sociais**. Caderno CRH, Salvador, n. 38, p. 79-114, jan./jun. 2003.

VIANELLO, Daniele. **L'Arte del Buffone**. Maschere e spettacolo tra Italia e Baviera nel XVI secolo. Roma: Bulzoni, 2005.

WILSON, N. G. **Encyclopedia of ancient Greece**. New York: Routledge, 2006, p. 511.

ANEXO I – ENTREVISTA COM A ARTISTA (ESTÁTUA VIVA)

Local da observação: Rua Barão de Itapetininga, altura do nº 263 – República

Data e hora da observação: 10/11/2022 (quinta-feira) – Tarde, a partir das 14:10

1. **Idade:** 27

2. **Gênero:** Feminino

3. **Estado civil:** Solteira

4. **Escolaridade:** Ensino médio-técnico em teatro

*Opções: Infantil / Fundamental / Médio / Técnico / Superior completo / Superior incompleto/ Pós / Não deseja informar

5. **Nacionalidade:** Brasileira

6. **Naturalidade:** Camaçari / Bahia

7. **Ocupação:** Atriz

8. **Tipo de arte performada:** Estátua viva (anjo)

9. **Artista profissional:** Sim / Não / Não desejo informar

10. **Artista itinerante:** Sim / Não / Não desejo informar

11. **Apresenta-se em outro lugar além da rua:** Sim / Não / Não desejo informar

12. **Se sim, onde?** Festas, casamento, eventos de promoção de lojas.

13. **Há quanto tempo apresenta-se nas ruas de São Paulo?** Oito anos.

14. **Já sofreu algum tipo de preconceito, violência, ou passou por dificuldades durante as suas apresentações?** Sim / Não / Não desejo informar

15. Gostaria de falar a respeito?

Tem pessoas que aproveitam a natureza do meu trabalho pra fazer graça, tentam todo o tempo provocar uma reação, atiram coisas, falam coisas mal-educadas. Porque o surpreendente do meu trabalho é ser uma estátua, dessas espalhadas pela cidade que as pessoas passam e nem percebem o significado, de repente a pessoa está distraída e eu estou ali parada como estátua e me mexo em direção à pessoa e a surpresa está feita. Mas tem gente que gosta de provocar uma reação nossa, às vezes eu até rio, mas às vezes atrapalha o trabalho. E tem o tempo, eu demoro às vezes até 1 hora pra me preparar para as apresentações, e então dá um temporal e o dia de trabalho fica perdido. Também tem a polícia, né?! Vira e mexe botam a gente pra correr, se acham os donos da rua. Quando não são eles são os seguranças dos prédios onde a gente fica perto.

16. Tem alguma outra atividade remunerada ou não-remunerada central em sua vida?

Sim, às vezes surge um bico pra animar festas, às vezes consigo trabalhar como figurante pra algumas emissoras, mas o trabalho na rua ocupa mais meu tempo.

17. Qual o significado da arte para você?

Sem a arte eu não seria nada, nunca consegui fazer qualquer outra coisa que não fosse associado à arte, arte é minha vida.

18. Em uma ou duas palavras, qual a principal motivação para se apresentar na rua:

Levar arte para todos.

19. Qual a importância do trabalho artístico no espaço público para você?

A arte na rua pra mim tá muito relacionada com a ocupação das ruas, ocupar o lugar que é nosso de direito. Todo mundo pode ocupar espaços, tem empresas que pagam caríssimo pra estar nos lugares que deveriam ser de todos. Mas a sociedade somos nós, o que é uma sociedade sem arte? Arte é a manifestação da alma, arte dá sentido para as coisas brutas da vida. Se eu posso fazer alguém sorrir na rua, se eu posso levar a arte para um público grande que sempre se mostra surpreso quando me apresento, então esse pra mim é o sentido da arte nessas cidades tão duras, onde não há lugar para a alma.

20. A Rua Barão de Itapetininga tem algum significado específico para você? e/ou em sua trajetória?

Foi um dos primeiros lugares que morei desde que vim embora pra São Paulo, né?! Quando cheguei vim de mala e cuia, como dizem. Sem trabalho, sem dinheiro, sem morada. Tive uma sorte danada,

pois alguns conhecidos lá da Bahia moravam num prédio de ocupação social ali na Barão, me oferecem um cantinho que naquele momento parecia um hotel 5 estrelas. Fiz daqui o meu lar, minha morada, meu escritório.

21. Pode contar um pouco da sua história de vida, da sua trajetória como artista, como artista atuante nas ruas de São Paulo?

Você pode escrever aqui, mandar sua história por email, mandar por áudio no Whatsapp ou qualquer outra forma de contato da sua preferência.

Eu nunca soube muito bem qual era meu lugar no mundo, não ia muito bem na escola, as matérias me davam tédio, eu sentia sono e não entendia por que eu tinha que estar lá. Minha média era muito ruim, eu sempre tinha que fazer trabalho pra compensar a falta de notas. Eu era teimosa por demais, minha mãe chamava-me de “coisa ruim” porque nem pro serviço de casa eu prestava. Minha mãe sempre muito preocupada me convenceu a ir pra escola técnica, com medo de que eu desse errado na vida. Quando li sobre o teatro, aí o meu mundo começou a fazer sentido. Fiz o curso técnico junto com o colegial, decidi mudar pra São Paulo em busca de trabalho, comecei a trabalhar na rua pela necessidade e me apaixonei, todos os meus amigos trabalham na rua também. Essa é minha história.

ANEXO II – ENTREVISTA COM O ARTISTA (PINTOR)

Local da observação: Largo do Café – São Bento

Data e hora da observação: 22/11/2022 (domingo) – Tarde, a partir das 13:30

1. **Idade:** 28
2. **Gênero:** Masculino
3. **Estado civil:** Solteiro
4. **Escolaridade:** Ensino médio completo
**Opções: Infantil / Fundamental / Médio / Técnico / Superior completo / Superior incompleto/ Pós / Não deseja informar*
5. **Nacionalidade:** Brasileiro
6. **Naturalidade:** Fortaleza / Ceará
7. **Ocupação:** Artista plástico, pintura e escultura
8. **Tipo de arte performada:** Pinturas instantâneas em tempo real
9. **Artista profissional:** Sim / Não / Não desejo informar
10. **Artista itinerante:** Sim / Não / Não desejo informar
11. **Apresenta-se em outro lugar além da rua:** Sim / Não / Não desejo informar
12. **Se sim, onde?** Só nas ruas de várias cidades
13. **Há quanto tempo apresenta-se nas ruas de São Paulo?** Dois anos.
14. **Já sofreu algum tipo de preconceito, violência, ou passou por dificuldades durante as suas apresentações?** Sim / Não / Não desejo informar

15. Gostaria de falar a respeito?

Bem tranquilo, é só não parar nas portas dos prédios e lojas que ninguém incomoda não.

16. Tem alguma outra atividade remunerada ou não-remunerada central em sua vida?

Sim, venda de artesanato meu e de colegas.

17. Qual o significado da arte para você?

É onde ganho a bufunfa [dinheiro].

18. Em uma ou duas palavras, qual a principal motivação para se apresentar na rua:

Liberdade e sustento.

19. Qual a importância do trabalho artístico no espaço público para você?

Dividir minha maneira de ver o mundo sem a restrição do museu, ter acesso a um público maior que aprecia minha arte.

20. O Largo do Café tem algum significado específico para você? e/ou em sua trajetória?

Não necessariamente, eu gosto daqui, as pessoas já me conhecem. Eu não fico sempre aqui, viajo bastante com um grupo de amigos que também fazem arte, a gente vai pra várias praias, eu sô do mundo.

21. Pode contar um pouco da sua história de vida, da sua trajetória como artista, como artista atuante nas ruas de São Paulo?

Você pode escrever aqui, mandar sua história por email, mandar por áudio no Whatsapp ou qualquer outra forma de contato da sua preferência.

Eu era guri e não queria estudar, fui obrigado pelo meu pai, que ameaçou chutar minha bunda pra fora de casa. Terminei o ensino médio e só, daí comecei a trabalhar com artesanato e vender na praia, brinco, colar, a natureza era minha matéria prima, trabalhei com conchas, sementes, arame de cobre, me juntei a um grupo de artesãos e aprendi a fazer as joias com o material que a gente encontrava de graça na natureza. Mas eu sempre gostei de cores, conheci um artista que pintava as paisagens ao vivo e na hora, amigamos e ela me passou as técnicas. Comecei fazendo uns quadros bem feinhos, mas fui melhorando e colocava os melhores pra vender na praia, na rua. Depois comecei a receber encomenda e me liguei que as pessoas queriam me ver pintando, levei o material de pintura e pensei no azulejo branco, porque era fácil e barato pra conseguir, comecei pintando o que as pessoas me pediam mas na minha visão e foi o que deu mais retorno. Também faço esculturas com arame e é isso.

ANEXO III – ENTREVISTA COM O ARTISTA (MÁGICO ILUSIONISTA)

Local da observação: Rua Quinze de Novembro, altura do nº 89 – Sé

Data e hora da observação: 22/11/2022 (domingo) – Tarde, a partir das 15:05

1. **Idade:** 31
2. **Gênero:** Masculino
3. **Estado civil:** Casado
4. **Escolaridade:** Ensino fundamental
*Opções: Infantil / Fundamental / Médio / Técnico / Superior completo / Superior incompleto/ Pós / Não deseja informar
5. **Nacionalidade:** Brasileira
6. **Naturalidade:** Campinas [interior de São Paulo]
7. **Ocupação:** Mágico ilusionista
8. **Tipo de arte performada:** Truques com cartas
9. **Artista profissional:** Sim / Não / Não desejo informar
10. **Artista itinerante:** Sim / Não / Não desejo informar
11. **Apresenta-se em outro lugar além da rua:** Sim / Não / Não desejo informar
12. **Se sim, onde?** Eventos particulares e festas.
13. **Há quanto tempo apresenta-se nas ruas de São Paulo?** Comecei cinco anos atrás.
14. **Já sofreu algum tipo de preconceito, violência, ou passou por dificuldades durante as suas apresentações?** Sim / Não / Não desejo informar

15. Gostaria de falar a respeito? Como que eu posso dizer?

Acho que tem gente que queria que o artista de rua não existisse, porque parece que a gente incomoda só por existir. É como se eles não pudessem aceitar que tem gente que vive da arte, da arte sem vínculo com chefe. Como artista independente é bem difícil, já jogaram água em mim pra me expulsar, já levei chute de segurança e já apanhei da polícia pra “deixar se ser vagabundo”, mas a maioria gosta, então eles vão ter que aceitar.

16. Tem alguma outra atividade remunerada ou não-remunerada central em sua vida?

Não.

17. Qual o significado da arte para você?

É a maneira como a gente tem de levar o extraordinário na vida das pessoas, é compartilhar experiências e deslumbramento com a vida.

18. Em uma ou duas palavras, qual a principal motivação para se apresentar na rua:

Compartilhar a magia com todos que precisam dela em suas vidas.

19. Qual a importância do trabalho artístico no espaço público para você?

Olha, a rua tira a barreira que existe entre a arte e o público. Quando você vai ao teatro, ao circo, tem uma barreira que separa o público do seu trabalho. Na rua isso não existe, na rua a gente tá lá na raça, sujeito às opiniões do público, sujeito às reações das pessoas a arte que a gente mostra pra eles. Tem a ver com compartilhar o que eu sei de maneira a fazer a vida das pessoas mais leve, sem que elas paguem por isso. A contribuição é bem-vinda, sem ela eu não poderia me apresentar. Mas as pessoas entendem quando passo o chapéu, que é uma troca entre nós, isso me move.

20. A Rua Quinze de Novembro tem algum significado específico para você? e/ou em sua trajetória?

Tem sim, quando eu saí de Campinas e vim pra São Paulo, aproximadamente cinco anos atrás, eu vim procurar emprego na Sé. Tinha uma empresa contratando pra várias vagas e eu me candidatei, fiquei na fila pra entregar o currículo e dar meus dados. Tinha várias etapas então eu precisei voltar ali na Praça [da Sé] umas três vezes naquela semana. Eu tinha pouco dinheiro e carregava tudo comigo. Depois de uma tarde preenchendo formulários, sentei ali na escada lateral da Catedral [da Sé], chegaram uns moleques me cercando e levaram tudo que eu tinha, relógio, celular, dinheiro da pensão, tudo mesmo, fiquei liso. Mas não levaram meu deque de cartas, foi a única coisa que sobrou no meu bolso. Saí pra caminhar na região sem saber exatamente onde ia parar, cheguei na Quinze,

vi uma pá de artistas se apresentando, tinha de tudo mesmo uns anos atrás, hoje tá meio vazia, mas aquela era uma época boa pra se apresentar ali. Ainda é, mas já não tem tantos artistas assim. Daí veio uma luz e pensei, porra, bicho, vou apresentar os truques que eu sei aqui. Comecei chamando atenção daqueles que passavam e perguntei se eles queriam participar de graça de um truque, aos poucos consegui um, algumas pessoas foram chegando e quando vi recuperei numa tarde toda mais do que tinham levado de mim. Fiquei felizão, surpreso, grato, embasbacado. O retorno foi muito bom mesmo, tanto é que não saio daqui, é caminho pra 25 [Rua 25 de Março] e tem sempre muito turista passando, sempre tem gente pra surpreender.

21. Pode contar um pouco da sua história de vida, da sua trajetória como artista, como artista atuante nas ruas de São Paulo?

Você pode escrever aqui, mandar sua história por email, mandar por áudio no Whatsapp ou qualquer outra forma de contato da sua preferência.

Minha história como artista começou no episódio que te contei, com o assalto. Só que eu sempre me interessei por mágica, desde moleque quando fui a um circo pela primeira vez, eu queria aprender a fazer aquelas coisas que me faziam acreditar em mágica. Um tio da minha mãe sabia alguns truques com cartas e me ensinou, depois conheci outros meninos que também curtiam mágica e trocamos conhecimento. Eu usava pra surpreender as menininhas [o artista dá risada], até descobrir que eu podia usar minhas habilidades como meio de vida. Na primeira oportunidade comprei uma dessas fantasias baratas de mágico ilusionista que vendem nas lojas de fantasia ali pra cima [o artista aponta na direção da Ladeira Porto Geral – rua conhecida pelas lojas de fantasias], mas depois uma amiga que costurava fez uma versão mais séria da roupa, comprei a cartola e isso trouxe mais público. Resumindo, esse foi o caminho que segui pra chegar até aqui. Pô, bem legal contar essas coisas pra alguém, valeu!

ANEXO IV – ENTREVISTA COM A ARTISTA (CANTORA E VIOLONISTA)

Local da observação: Avenida Paulista, altura do nº 1600

Data e hora da observação: 27/11/2022 (domingo) – Tarde, a partir das 13:00

1. **Idade:** 32
2. **Gênero:** Feminino
3. **Estado civil:** Casada
4. **Escolaridade:** Pós Lato Sensu em Música
*Opções: Infantil / Fundamental / Médio / Técnico / Superior completo / Superior incompleto/ Pós / Não deseja informar
5. **Nacionalidade:** Brasileira
6. **Naturalidade:** Rio de Janeiro
7. **Ocupação:** Cantora e musicista
8. **Tipo de arte performada:** Apresentações de música com voz e violão
9. **Artista profissional:** Sim / Não / Não deseja informar
10. **Artista itinerante:** Sim / Não / Não deseja informar
11. **Apresenta-se em outro lugar além da rua:** Sim / Não / Não deseja informar
12. **Se sim, onde?** Bares, casas de shows, eventos privados.
13. **Há quanto tempo apresenta-se nas ruas de São Paulo?** Já tem quase seis anos.
14. **Já sofreu algum tipo de preconceito, violência, ou passou por dificuldades durante as suas apresentações?** Sim / Não / Não deseja informar
15. **Gostaria de falar a respeito?**

As pessoas são bem receptivas em geral, mas a polícia já levou meu violão porque me recusei a sair da frente de um banco porque na cabeça deles eu estava “perturbando a ordem pública”. Sempre tem o eventual assédio, principalmente por parte do público masculino. Mas é bem pontual, não acontece sempre e na prática dá pra sair dessas situações com elegância. Também tive problema tentando cantar no metrô, quando eu não sabia que isso é proibido em São Paulo, fui corrida de lá as pressas pelos seguranças do metrô. Sinto muito o descaso do governo com os artistas de rua, muita gente também não entende que o músico tá lá na rua trabalhando, exercendo uma profissão como qualquer outra, mas isso já tá relacionado com a falta de consciência da sociedade, que ainda não aprendeu a valorizar a arte.

16. **Tem alguma outra atividade remunerada ou não-remunerada central em sua vida?**

Só o canto e composição.

17. **Qual o significado da arte para você?**

Desde criança eu já sabia que queria ser artista, não podia ver nada que lembrasse um microfone que já pegava e saía cantando. Arte é o que move minha vida, meus sentimentos e todos os planos do meu futuro. Arte é a principal força-motriz da minha alma.

18. **Em uma ou duas palavras, qual a principal motivação para se apresentar na rua:**

Divulgação do meu trabalho.

19. **Qual a importância do trabalho artístico no espaço público para você?**

O retorno sincero e espontâneo do público, dá pra perceber na hora se o meu trabalho tá agradando ou não. Tem gente que quer abraçar, tem gente que me agradece porque mudei o dia delas. Mas também tem essa de tá exposto a um público maior que ainda não conhece meu trabalho, de exibir a arte de forma gratuita, a arte pela arte em contato direto com quem pode escolher se quer consumir essa arte ou se só quer seguir seu caminho em paz. A gente apresenta pro empresário rico que tá ali passando a trabalho, mas também pra galera que tá na luta, pegando metrô, ônibus, cansado, todo dia preso na rotina e de repente pode parar por 20 minutos, meia hora, pra ver um show gratuito. A gente ocupa o mesmo espaço onde tá os bancos, as empresas estrangeiras, e de repente a gente tá ali, expondo um trabalho da alma no meio da galera, e as pessoas contribuem sem que a gente esteja pedindo dinheiro. Acaba sendo pago por fazer o que a gente ama, por gente que talvez nunca pagaria pra te ver cantar num lugar fechado. Essa recepção do público, essa alegria, poder cantar de graça e livre na rua, não tem show melhor.

20. A Avenida Paulista tem algum significado específico para você? e/ou em sua trajetória?

Nossa, demais. Quando eu cheguei do Rio em São Paulo vários amigos músicos me falavam da Paulista, que eu tinha que conhecer de todo jeito, que era incrível, que aqui tinha gente do mundo todo, e outros amigos artistas que já se apresentavam na Paulista me falaram a começar minhas apresentações lá, que seria um bom ponto de partida. Não deu outra, comecei a me apresentar lá e por quase dois anos consegui pagar os boletos só com a contribuição que o público me dava de retorno. Foi demais, foi na Paulista que eu me senti artista de verdade, e ali abriu muitas portas pra mim.

21. Pode contar um pouco da sua história de vida, da sua trajetória como artista, como artista atuante nas ruas de São Paulo?

Você pode escrever aqui, mandar sua história por email, mandar por áudio no Whatsapp ou qualquer outra forma de contato da sua preferência.

Vamo lá, eu nasci na zona sul do Rio de Janeiro, vivi lá com meus pais até os meus seis anos. Daí meus pais se separaram e eu fui morar com a minha mãe em Petrópolis, estudei numa escola estadual que tinha um projeto bem bacana de jovens artistas, comecei cantando no coral e depois o professor me indicou pra um programa que me possibilitou começar primeiro as aulas de canto e depois o violão. Ali eu descobri que era isso que eu queria fazer pro resto da vida, minha mãe era contra porque ela falava que esse país não valoriza artistas e que eu ia morrer de fome se decidisse virar cantora. Eu queria fazer dar certo, então me matriculei pra graduação em música com especialização em canto, nessa época eu já cantava em barzinhos, alguns clubes e casas de show, mas nesses lugares eu não tinha muita possibilidade de explorar a música do meu jeito ou cantar minhas próprias composições. Então rolou a chance de fazer uma pós em São Paulo em música mesmo e me atirei, minha mãe perguntava como eu ia pagar as contas e eu falava “cantando na rua se precisar”. Não deu outra, fui cantar na rua mesmo porque já tinha amigos músicos que me incentivavam, por dois anos o trabalho na rua pagou todas as minhas contas, era apertado, não vou falar que era fácil, ainda mais quando a gente é completamente desconhecido e rola essa insegurança de “será que eles vão gostar do meu trabalho?”, aos poucos fui ganhando confiança e algumas portas foram abertas. Hoje eu tenho agenda fechada em algumas casas de show, faço eventos privados, dou aulas de canto e posso falar que a vida melhorou, mas das ruas eu não saio, vou me apresentar na rua até ficar velhinha e perder a voz.

ANEXO V – ENTREVISTA COM O ARTISTA (MÚSICO CELISTA)

Local da observação: Avenida Paulista, altura do nº 2000

Data e hora da observação: 27/11/2022 (domingo) – Tarde, a partir das 14:00

1. **Idade:** 46
2. **Gênero:** Masculino
3. **Estado civil:** Divorciado
4. **Escolaridade:** Superior completo
*Opções: Infantil / Fundamental / Médio / Técnico / Superior completo / Superior incompleto/ Pós / Não deseja informar
5. **Nacionalidade:** Brasileiro
6. **Naturalidade:** Contagem / Minas Gerais
7. **Ocupação:** Músico celista
8. **Tipo de arte performada:** Concertos com violoncelo
9. **Artista profissional:** Sim / Não / Não deseja informar
10. **Artista itinerante:** Sim / Não / Não deseja informar
11. **Apresenta-se em outro lugar além da rua:** Sim / Não / Não deseja informar
12. **Se sim, onde?** Concertos, casamentos, festas particulares.
13. **Há quanto tempo apresenta-se nas ruas de São Paulo?** Mais de dez anos
14. **Já sofreu algum tipo de preconceito, violência, ou passou por dificuldades durante as suas apresentações?** Sim / Não / Não deseja informar

15. Gostaria de falar a respeito?

Muita gente diz “não, você não é artista”, só porque trabalho na rua tem um bocado de preconceito. Também há quem acha que o trabalho na rua é por falta de opção, não é, eu e outros artistas amigos que trabalham nas ruas fizeram a escolha de se apresentar nas ruas em algum momento. E sempre tem as forças oficiais, que mais de uma vez tentaram levar meu instrumento de trabalho, como se tocar o violoncelo representasse qualquer risco a alguém. Os seguranças tentam impedir a gente de trabalhar embaixo das marquises, estão sempre me pedindo pra sair, isso dificulta em dias de chuva e tempo ruim.

16. Tem alguma outra atividade remunerada ou não-remunerada central em sua vida?

Não, sou artista 100% do tempo.

17. Qual o significado da arte para você?

Arte é o alimento da minha alma. Sem arte minha vida não faria sentido.

18. Em uma ou duas palavras, qual a principal motivação para se apresentar na rua:

É tocar para todos, sem distinção de cor, raça ou posição social.

19. Qual a importância do trabalho artístico no espaço público para você?

A arte deveria ser para todos, qual o melhor lugar para dar a todos aquilo que lhes pertence? As ruas, os espaços públicos, onde convivem todo tipo de gente, de todos os lugares, origens, histórias. Levar a arte para as ruas é a democratização da arte, democratização do espaço público, democratização da sociedade. Tem moleque que cresce na rua, nunca ouviu um Bach, um Villa-Lobos, Schumann, então naquela realidade difícil dele, ele para pra ver a apresentação e o sorriso deles diz tudo.

20. A Avenida Paulista tem algum significado específico para você? e/ou em sua trajetória?

Eu gosto muito dessa avenida, é minha segunda casa, as pessoas passando, de todos os lugares, raças e credos. Gosto da diversidade, acho bonito e isso me cativa, não há lugar da cidade mais diverso que a avenida Paulista, aqui tem o preto, o pobre, o favelado, o empresário, o menino de rua, as moças bonitas, o empresário com roupa cara, aqui eu sou mais um entre tantos, mas minha arte me destaca, sou eu no mundo e eu versus o mundo.

21. Pode contar um pouco da sua história de vida, da sua trajetória como artista, como artista atuante nas ruas de São Paulo?

Você pode escrever aqui, mandar sua história por email, mandar por áudio no Whatsapp ou qualquer outra forma de contato da sua preferência.

Eu me formei como artista profissional pela Universidade Estadual de Minas Gerais, antes eu trabalhava como encanador, acredita? Mas já tocava alguns instrumentos de corda, violão, violino, violoncelo, minha mãe trabalhava na casa de uma professora de música, eu ia junto, né? Nas horas livres ela me ensinava a manusear os instrumentos e fui ganhando gosto pela coisa, mas logo chegou a adolescência e idade pra ganhar dinheiro, arrumei um bico como encanador e fiquei cinco anos, porque dava o dinheiro e eu ajudava na casa da mãe. Mas eu tinha aquela coisa ainda dentro de mim, eu sonhava em ser artista profissional, eu não tinha terminado o colegial, então não ia entrar em nenhuma faculdade. Até que surgiu a oportunidade de fazer o segundo grau com o supletivo, estudei por um ano pra obter o certificado de conclusão do segundo grau, e mais um ano pra passar na universidade. Foi só alegria quando eu passei, mas eu já tinha família, esposa, três filhos, e ainda tinha que praticar o celo, é difícil começar a ganhar a vida como músico, são poucas vagas e muito concorridas. Comecei a me apresentar nas ruas, aproveitava o tempo e praticava o celo, no começo não deu muito resultado, daí comecei a juntar 20, 40, 60 reais por dia e isso me animou. Sempre ouvia dizer que se tinha um lugar bom pra artista se apresentar pro público e conseguir mais oportunidades de trabalho, era na avenida Paulista. Nesses tempos eu e a mulher separamos e eu vim pra São Paulo, hoje a rua ainda é parte do meu sustento, mas também participo de alguns concertos, me apresento com um grupo de amigos em alguns eventos, a vida só melhorou e tudo graças à música e ao público maravilhoso que vem aqui prestigiar meu trabalho.

ANEXO VI – ENTREVISTA COM O ARTISTA (PALHAÇO MALABARISTA)

Local da observação: Avenida Paulista, altura do nº 509

Data e hora da observação: 27/11/2022 (domingo) – Tarde, a partir das 15:35

1. **Idade:** 23
2. **Gênero:** Masculino
3. **Estado civil:** Solteiro
4. **Escolaridade:** Ensino fundamental
**Opções: Infantil / Fundamental / Médio / Técnico / Superior completo / Superior incompleto/ Pós / Não deseja informar*
5. **Nacionalidade:** Brasileiro
6. **Naturalidade:** São Paulo
7. **Ocupação:** Palhaço e malabarista
8. **Tipo de arte performada:** Apresentações nas ruas
9. **Artista profissional:** Sim / Não / Não desejo informar
10. **Artista itinerante:** Sim / Não / Não desejo informar
11. **Apresenta-se em outro lugar além da rua:** Sim / Não / Não desejo informar
12. **Se sim, onde?** Apenas em outras ruas, às vezes me apresento no centro e lá em Pinheiros também.
13. **Há quanto tempo apresenta-se nas ruas de São Paulo?** Três anos.
14. **Já sofreu algum tipo de preconceito, violência, ou passou por dificuldades durante as suas apresentações?** Sim / Não / Não desejo informar

15. Gostaria de falar a respeito?

É normal, toda hora, ser expulso de algum lugar onde tô apresentando. Vixe, mano! Perdi a conta das vezes, me chamam de vagabundo, mandam eu ir trabalhar, já até apanhei de segurança quando tentei contornar a situação fazendo piada. Essa gente que não sabe sorrir, também não gosta de palhaço.

16. Tem alguma outra atividade remunerada ou não-remunerada central em sua vida?

Não.

17. Qual o significado da arte para você?

A arte tá por tudo, as pessoas medem a riqueza por dinheiro, eu já acho que todo artista é rico, rico de cultura e de esperança por dias melhores.

18. Em uma ou duas palavras, qual a principal motivação para se apresentar na rua:

Levar o sorriso quando as pessoas menos esperam.

19. Qual a importância do trabalho artístico no espaço público para você?

As ruas sempre foram ocupadas por todo mundo que vive ou trabalha nelas, a arte na rua é a chance da gente participar de um movimento de ocupação inclusivo, livre e gratuito. Tem gente na rua que não tem dinheiro pra ir ao circo, ao teatro, muito menos no cinema, que tá custando um rim. A gente como artista de rua também tem o direito de dar sentido à rua através dessa ocupação, é a democracia funcionando. Só não é anarquia porque tem decreto aí que regulamenta nossa profissão.

20. A Avenida Paulista tem algum significado específico para você? e/ou em sua trajetória?

Com certeza, cara, com certeza. Olha, eu venho aqui desde pequeno, tem alguma coisa magnética aqui. Eu cresci ali na Praça da Bandeira, a gente sempre morou no centro. Desde moleque eu já subia e descia a Consolação andando, conheço a Paulista como a palma da mão. Se eu tô meio pra baixo eu venho apresentar na Paulista e cara, isso dá aquela carga de energia boa, de ver gente sorrindo, querendo participar, gente de todo lado, velho, criança, curtindo meu trabalho, coisa mais linda de ver, esse povo todo na mesma cidade, completos estranhos, mas iguais na humanidade.

21. Pode contar um pouco da sua história de vida, da sua trajetória como artista, como artista atuante nas ruas de São Paulo?

Você pode escrever aqui, mandar sua história por email, mandar por áudio no Whatsapp ou qualquer outra forma de contato da sua preferência.

Eu não quis terminar a escola, não dava pra mim, eu era o engraçadinho da turma, mas achava tudo difícil, ouvi várias vezes “tu é palhaço, cara?”, daí eu me envolvi com uma galera de circo ainda quando era moleque e decidi virar palhaço mesmo, ali eu aprendi tudo que eu sei hoje, a arte de fazer as pessoas darem risada, o malabares. Viajei um tempo com eles, mas a vida era dura, eu queria sempre voltar pra casa, que era a região do centro de São Paulo. Daí eu voltei e comecei a me apresentar nas ruas, no início foi difícil, ainda é, tem muito preconceito e gente que não respeita, mas tem mais gente que gosta, e tô nessas até hoje